

Revista de Espiritismo

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA



Paleotécnica
Metapsíquica
Esoterismo
Ética

Janeiro - Fevereiro

ANO III - 1929

O eminente sábio sir W. Crookes
do fantasma materializado de Katie King

1

SOMÁRIO: Sobre a comunicação com os Espíritos — ANTÓNIO L. VILELA; As minhas Mediunidades — PROF. LUIGI BELLOTTI; Experiências psíquicas: Apport duma alcachofra — D. MADALENA FRONDONI LACOMBE; Ude Identificação Espirita — DR.^a AMÉLIA CARDIA; O Espiritismo e a Arte (M pintores) I — PEDRO CARDIA; Impressões dos Congressos Antroposóficos e 1928 — DR. CARLOS SANTOS, FILHO; Inquérito, V — DEPOIMENTO DO SR. LÉO REUIL; Crónica Estrangeira — PEDRO CARDIA; Bibliografia — P. C.; Notícias

Edições da Federação Espirita Portuguesa

BIBLIOTECA DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

- I—Catecismo Neo-Espiritualista
- II—O que é o Espiritismo
(Aspecto científico, filosófico e religioso)
- III—Evolução
(Reincarnacionismo e Karma)
- IV—Sessões Espíritas
(Fenomenologia e Experimentalismo)

- V—O Poder Mental
(Formas-Pensamentos e Egrégoras)
- VI—O Espiritismo e a Metapsíquica
- VII—O Espiritismo e a Ciência
- VIII—O Espiritismo e as Religiões
- IX—O Espiritismo e o Natarismo
- X—Aspecto social do Espiritismo

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

A SAIR BREVEMENTE:

- A Morte é Vida**
(Distribuição gratuita)
- A Vida é Eterna**
(Distribuição gratuita)

António J. Freire:

- O Espiritismo
e o Pensamento Contemporâneo**
- Espiritismo e Catolicismo**
(A margem dumá pastoral)
(Distribuição gratuita)

EM PREPARAÇÃO:

Dr.^a Amélia Cardia:

- Na Atmosfera da Terra**
(Romance Espirita)
- (A 1.^a edição desta obra é destinada à
Subscrição Pró-Sede da F. E. P.)

António L. Vilela:

- A Fenix**
(O Problema do Destino)
- (A 1.^a edição d'êste obra é destinada
à Subscrição Pró-Sede da F. E. P.)

- Problemas Filosóficos**
- Mecânica Transcendental**

Pedro Cardia:

- Aspectes da Metapsíquica**

António J. Freire:

- Do Espiritismo à Metapsíquica**
- Vecabulário
de Metapsíquica e Espiritismo**
- Hipnotismo e Magnetismo**

O MENSAGEIRO ESPIRITA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL ILUSTRADA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

DIRECTORA — DR.^a AMÉLIA CARDIA

Edição e Propriedade da Federação Espirita Portuguesa

Revista de Espiritismo

ANO III

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { *António Castanheira de Moura*
Policarpo Salvador de Almeida

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho* — *Dr. António J. Freire*
— *António L. Vilela.*

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia* — *D. Maria O'Neill* — *D. Madalena Frondoni Lacombe* — *D. Quintin López Gomez* — *Dr. Carneiro de Moura* — *Dr. João Antunes* — *Dr. Évora Macedo* — *Dr. Amílcar de Sousa* — *Capitão A. Carnell* — *Prof. Arantes Pereira* — *Engenheiro José A. Manique de Albuquerque* — *Pedro Carreira Dias de Sousa* — *A. A. de Freitas e Silva* — *Joaquim Quintela Paixão* — *Manuel Cavaco* — *Ramiro Guedes de Campos* — *Carlos dos Santos Paiva* — *José M. Pereira Bravo* — *Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz* — *Capitão Augusto da Silva Flores* — *Capitão Eurico de Castro Zuzarte* — *Tenente Manuel Caetano de Sousa.*

ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — Praça dos Restauradores, 17

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

ESPAÑHA — Agente geral: DON JUAN TORRAS SERRA — Avenida 11 de Novembro, 81 — Sabadell — Barcelona

BRASIL — Agente geral: SOUSA DO PRADO - Rua General Roca, 21 - Rio de Janeiro

FRANÇA — Agente geral: MANUEL DE COSTA SOARES — Rue des Bernardins, 9 — Paris (V.^e)

Este número foi visado pela comissão de censura de Leiria.

Comp. e imp.
TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

Sôbre a comunicação com os Espíritos

« On a beau étendre, expliquer, magnifier la nature; l'instinct des masses humaines ne s'y est jamais enrémé; il a toujours cherché et vu quelque chose de l'au-delà. »

Guizot

I — Considerações Gerais

O princípio basilar que serve de característica especial do Espiritismo e o diferença das outras correntes neo-espiritualistas, dando-lhe individualidade própria e abrindo larga via às investigações científicas, é a possibilidade de comunicação com os desincarnados. Este princípio, dum altíssimo valor experimental e dum profundo significado moral, constitui a ponte mais firme que pode conduzir-nos à outra margem da vida.

Enquanto as outras correntes neo-espiritualistas pretendem desvendar os arcanos do mistério pela auto-dissociação da personalidade normal e bilocação consciente, sujeitando-se a perigos tremendos e a erros grosseiros pelo papel que a imaginação e a sugestão representam, os espiritistas recorrem àqueles que, vivendo num meio diferente e adaptados já a êle, melhor do que ninguém os podem elucidar sôbre os problemas fundamentais da existência, revelando as condições em que se desenrola a vida *post-mortem*. Mas, nem pelo facto de recorrerem a êsses testemunhos extra-terrenos, os espiritistas abdicam da sua liberdade de julgamento, sujeitando à razão as mensagens obtidas e procurando desenvolver as suas faculdades supra-normais que lhes permitam um conhecimento transcendente da realidade. São até as próprias entidades comunicantes, quando elevadas, que recomendam a análise racional das mensagens obtidas, indicando também as regras mais convenientes ao nosso aperfeiçoamento espiritual de acôrdo com o grau da nossa evolução, e fazendo, por vezes, *revelações secretas* àqueles que julgam dignos de as receber. O que importa ter sempre bem presente é que cada um tem a sua medida e só recebe o que merece.

As sessões de espiritismo, quando bem conduzidas, com elevação de propósitos e conhecimento do mecanismo dos fenómenos, são meios preciosos de aperfeiçoamento espiritual, permitindo o desenvolvimento natural e progressivo das faculdades supranormais com o auxílio dos espíritos superiores que nelas se integrem. Até mesmo os espíritos atrasados, que comunicam, com permissão dos guias, nos grupos devidamente constituídos, trazem ensinamentos valiosos, mostrando que as mesmas leis se aplicam a todos, embora em graus diferentes. E nas diferentes situações que êles ocupam estuda-se o determinismo psíquico, compreendendo-se o modo como se encadeiam os fenómenos psicológicos, permitindo-nos prever o nosso

futuro póstumo, pois nessas situações se revela sempre a conseqüência natural dos esforços empregados anteriormente.

Todos os que propagam doutrinas que não podem adaptar-se às condições de vida da humanidade, cometem um êrro gravíssimo. E o *desdobramento consciente* não pode ser usado como processo de investigação metapsíquica, senão por aqueles que tenham realizado condições muito especiais de higiene psíquica, para poderem triunfar, com segurança, dos perigos que os ameaçam. Será pois um processo, sem interêsse geral, reservado a um pequeno número de iniciados, depois duma longa e delicada preparação. Por outro lado, também não se podem desprezar os erros a que dá lugar, pois, necessariamente, tanto para a dissociação como para a reintegração da personalidade, há-de passar-se pelo estado sonambúlico, caracterizado pela extrema impressionabilidade, e basta uma hábil sugestão, no momento oportuno, para destruir todos os resultados positivos da bilocação e imprimir as mais bizarras impressões. Enquanto o mecanismo da sugestão e o papel da imaginação não forem devidamente estudados, não se podem, também, tomar as precauções indispensáveis, para evitar o êrro nas investigações supranormais por via anímica. O mesmo já não acontece quando a bilocação é produzida por um magnetizador competente e sôbre um passivo treinado, registando-se as impressões por êste transmitidas durante a hipnose profunda, em que a sugestão não tem influência. Entretanto estas experiências seriam limitadas pela capacidade intelectual e moral do médium, enquanto o método espiritista permite a manifestação de entidades superiores que deslumbram, verdadeiramente, aqueles que teem a ventura de as escutar.

Compreende-se bem que as possibilidades dos incarnados são análogas às dos desincarnados com as modalidades correspondentes ao plano de vida em que se deslocam. Assim, os espíritos para se manifestarem no mundo físico, precisam dum organismo físico que lhes sirva de instrumento. Há pessoas que, tendo um sistema nervoso particularmente sensível, são instrumentos dóceis que os espíritos movem com facilidade, por um mecanismo de sugestão. A sua mediunidade reveste, quasi sempre, a forma de uma doença como a histeria e a obsessão. Mas os verdadeiros médiuns são os que sujeitam a produção dos fenómenos à deliberação da sua vontade. Só nestas condições a mediunidade constitui uma faculdade e não uma doença. A habilidade dos experimentadores consiste em descobrir o segredo maravilhoso da transmutação. Infelizmente os processos de desenvolvimento de médiuns geralmente seguidos conduzem a resultados perniciosos, produzindo verdadeiras psicoses e agravando aquelas que já se haviam esboçado espontâneamente.

O desenvolvimento da mediunidade é muito delicado e só devia ser feito por quem estivesse à altura de compreender as suas responsabilidades. Só quando se conhecerem bem as potencialidades anímicas e o valor do poder mental, se poderá fazer um desenvolvimento metódico da mediunidade. O animismo é, por assim dizer, a propedêutica do espiritismo. A inferioridade da maior parte das comunicações que se dizem espíritas é devida, principalmente, à falta de preparação dos médiuns, que, não conseguindo realizar condições suficientes de desdobramento, interveem com o seu psiquismo, interceptando as mensagens e reduzindo-as à sua craveira espiritual. Por meio de processos hipno-magnéticos pode eliminar-se, quasi inteiramente, o factor anímico nos fenómenos do espiritismo, de modo que não prejudique as comunicações. Sempre que o médium fôr levado a um estado profundo de hipnose a entidade comunicante pode exercer uma acção directa sôbre o seu organismo, revelando-se então as suas faculdades com plena lucidez. E' êste porém um assunto que nos levaria demasiado longe e que, pela sua importância, trataremos em outros artigos.

Não temos, pois, a menor dúvida em afirmar que a comunicação com os desencarnados é um método necessário de investigação metapsíquica, oferecendo condições que o método puramente anímico, não pode realizar.

* * *

No fundo das crenças de todos os povos e de todas as raças, encontram-se sempre os mesmos princípios fundamentais, desde as civilizações mais rudimentares às mais elevadas. E o mais extraordinário é que, nos povos primitivos, se encontram já conceitos profundos e luminosos, que ultrapassam, em muito, o nível da sua espiritualidade, embora revestidos de formas grosseiras e confundidos com práticas supersticiosas. Necessariamente todas as crenças fundamentais da humanidade tiveram uma origem comum; e ela não pode ser atribuída ao contacto desses povos por meio de emigrações constantes, muito fáceis de realizar, contudo, entre povos nômadas, se não houvesse formidáveis barreiras naturais, intransponíveis para êles.

Essa fonte comum que tem dessedentado a humanidade desde as eras mais remotas, quando Prometeu roubou aos deuses o fogo sagrado — o Verbo divino — é a comunicação com os espíritos. Os fenómenos espiritistas, em todos os períodos históricos se tem produzido, qualquer que seja a divulgação que lhes tenha sido dada. Numerosos escritores, de todos os tempos, tem dado testemunho, insuspeito, da realidade desses fenómenos; e os livros sagrados das diferentes religiões são disso uma prova evidente, infismável. A mão invisível da providência sempre guiou os nossos passos hesitantes, sempre amparou a nossa fraqueza imensa. A própria Igreja Romana que combate o espiritismo como manifestação diabólica, quando os fenómenos se produzem dentro das suas muralhas, chama-lhes *milagres* e *santos* aos que os produzem. Já não estamos em época de ser exclusivo duma seita o conhecimento da verdade, e é isso que a Igreja, infalível, não quer compreender. O que é incontestável é que a Vida dos Santos, assim como a de muitos homens ilustres, tem sido uma comunhão permanente com o mundo dos espíritos. Nos santuários antigos, desde as criptas do Himalaia aos hipogeus egípcios e às catacumbas de Roma, sempre a comunicação com os mortos foi a base de toda a liturgia.

Os mais eminentes pensadores da antiguidade ⁽¹⁾ são um valioso testemunho da realidade da comunicação com os espíritos, praticada em todos os tempos e entre todos os povos. Os próprios Padres da Igreja ⁽²⁾ também se referem às práticas espiritistas que eram muito vulgares nos primeiros séculos cristãos e poderosamente contribuíram para o triunfo do cristianismo. Cícero (Tusculanes) conta que Ápio comunicava freqüentemente com os espíritos; e, segundo Plínio o Antigo (História, XXX-6) êle evocou o espírito de Homero para se informar da sua pátria e da sua família.

Os magos caldeus levavam uma vida de pureza e de oração constante para poderem comunicar com espíritos de uma elevada hierarquia. Os druidas gauleses evocavam os espíritos nas florestas. Lucano (Pharsale, VI), refere-se a uma célebre mágica da Tessalia, Erato « que fazia entrar as *almas*

(1) Platão — *Theagete*; Aristóteles — *De Mirabills*; Filostrato — *Vie d'Apollonius*, 4, 20, 25; Plínio — *Hist. Nat.*; Heródoto — *Hist.*; Tácito — *Hist.*; Cícero — *Tusculanes*, I, 16, 37; id. — *De Divinatione*, I, 58, 132; Luciano — *Philopseud.*, 16; id. — *De Dea Syria*; Flávio Josefo — *Antiquités Judaiques*, VI, 11, 12; id. — *De Bello Judaica*, VII, 6, 13; Apuleio — *Œuvres* (ed. F. Didot); etc.

(2) Tertuliano — *Apologétique*, XIII, XXII; id. — *De Anima*, LVII; Lactancio — *Div. Institut.*, IV, 27; S. Ilário — *In Psalmos*, 94; Minucio Felix — *Octav.*, XXVII, XXVIII; Eusébio — *Histoire Ecclesiastique*, VIII, 10; etc.

no seu corpo», e foi por intermédio dela que Sexto Pompeu soube o desfecho da rivalidade entre seu pai e César. Dante (Inferno IX-25, 27), seguindo a tradição, atribui a Erato a evocação da alma de Vergílio pouco depois d'ele ter morrido. Orfeu evocou o espírito de Euridice. Ulisses interroga o espírito do adivinho Tirésias, o de sua mãe e outros, por intermédio de Circe (Homero — Odissea XI). Eneas desce aos infernos para consultar a sombra de Anquises (Vergílio — Eneida VI). Saúl visita a pitonisa do Endor para falar com Samuel (Reis, I-28). Pausanias, como a maior parte dos grandes pensadores gregos e latinos, evocava os espíritos (Plutarco — Vie de Cimon); e Periandro, um dos sete sábios da Grécia, falava com sua mulher (Heródoto — Hist. V, 92). Os platônicos, os pitagóricos e os estóicos não desdenhavam de comunicar com os espíritos. Quintiliano defende as práticas espiritistas num discurso célebre; e alguns papas da Igreja Romana a elas se dedicavam: — Benedito IX, Gregório VI e Gregório VII (Cantú — Hist., vol. V). Os filósofos da antiguidade explicavam os oráculos⁽¹⁾ pela intervenção dos espíritos (Fontenelle — Histoires des Oracles). A sibila de Cumas dava os seus oráculos nas margens do lago Averno e o oráculo de Trepózia ficava junto do Aquéronte. Os oráculos eram dados, em geral, na própria língua dos consulentes. A resposta do oráculo de Amon a Alexandre foi dada em grego. O santuário de Júpiter em Dodona, no Epiro, e o de Apolo Pítico em Delfos, foram os mais célebres da Grécia⁽²⁾. Minos e Licurgo consultavam o oráculo de Delfos em emergências difíceis; Pirro, rei do Epiro, recorria ao oráculo de Dodona (Plutarco — Pyrrhus-7); e Numa Pompílio ia ao bosque de Aricia consultar a ninfa Egéria (Plutarco — Vie de Numæ Pompilius). Vespaziano consultou o oráculo de Pafos, na ilha de Chipre; Trajano consultou o de Heliópolis (Luciano — De Dea Syria), na Síria; e Juliano correu ao célebre oráculo de Delos.

Sócrates, Apolónio de Tiana, Filon e Plotino, tinham os seus espíritos familiares com quem comunicavam directamente. Porfírio que escreveu a vida de Plotino diz que o seu *génio* tutelar era dum hierarquia muito elevada. Lamartine (La Mort de Socrate), falando de Sócrates, diz: «Sim, êle é inspirado; êle o diz, êle o repete; e porque recusaremos nós de acreditar no homem que deu a sua vida por amor da Verdade! Há aí muitos testemunhos que valham a palavra de Sócrates moribundo?... Sim, êle era inspirado... A verdade e a sabedoria não são nossas: elas descem do Céu aos corações escolhidos que são suscitados por Deus segundo as necessidades dos tempos.» Segundo Plutarco «aqueles que teem vivido várias existências virtuosas estão em condições de se elevarem ao estado de espíritos e vêm-se visitados por outros espíritos que os sustentam nas suas duras provas, porque êles são geralmente perseguidos entre os homens».

Referindo-se a Juliano, diz o Abade Ducreux (Les Siècles Chrétiens, I-414): «A sua tendência natural atraía-o para a filosofia que andava ligada com a religião dos *génios* de que os homens mais distintos pelo saber faziam o seu principal estudo. Chamou para junto de si os filósofos que julgou mais

(1) A palavra *oráculo* tanto se emprega para designar a resposta dada aos consulentes, como o indivíduo que a dá. Por vezes também designa o Deus a quem se atribuem essas respostas.

(2) A decadência dos Mistérios da Antiguidade acentua-se a partir dos meados do século III a. J. C. atingindo proporções inconcebíveis de depravação a ponto que, no ano 108 a. J. C., o senado romano interveio para extinguir os Mistérios Báquicos, origem dos mais escandalosos abusos. Diodoro de Sicília, referindo-se ao Templo de Eleusis, considera-o «*um verdadeiro lupanar*». Poucos foram os santuários que resistiram à onda avassaladora da decadência, mas os oráculos fizeram-se ouvir ainda por muito tempo. O oráculo de Delfos só foi encerrado no séc. IV da nossa era, por um decreto de Teodósio. (Plutarco — De la Cessation des Oracles).

capazes de o auxiliarem. Libânio, Máximo de Tiro, Oribaze, que gozavam da mais alta reputação, foram dêste número, assim como muitos outros cujos nomes eram menos célebres. Foi com êles que assentou no sistema de religião filosófica que convinha substituir à idolatria grosseira do povo.»

Jamblico, foi um dos mais notáveis conselheiros de Juliano, e segundo o testemunho unânime dos alexandrinos, era afamado na sciência dos *demonios* e dos *deuses*, ultrapassando os seus antecessores e os seus sucessores na arte de os evocar (Jules Simon — Hist. de l'Ecole d'Alexandrie).

De Alexandria irradiou a luz intensa que veio iluminar o cristianismo nascente, projectando os seus raios fúlgidos sôbre a Igreja de Jerusalém, a de Antióquia, a de Atenas e mais tarde sôbre a de Constantinopla. As três escolas célebres que aí se sucedem — escola judáica de Filon, gnóstica e neo-platónica de Ammónio Saccas — abriram aos profanos as portas secretas da sciência dos santuários e acenderam, piedosamente, o lampadário do mistério junto do túmulo silencioso da Morte. Em 325, o concílio de Nicea, por imposição de Constantino, havia condenado a Igreja do Oriente que era a fiel depositária dos ensinamentos cristãos, e a Roma dissoluta transforma o cristianismo numa arma de domínio político, enquanto as poderosas cortesãs vendiam, trocavam e se apoderavam dos bispados e faziam os seus amantes serem papas, como refere o cardeal Barónio (Annales Ecclésiastiques), cujo testemunho é insuspeito.

O sangue dos mártires tinha firmado o cristianismo e chegou a altura dos aventureiros explorarem as idéas triunfantes. Então, começam os dogmas a obscurecer a verdade; as cerimónias litúrgicas complicam-se com as pompas do paganismo, sem que seja compreendido o sentido oculto das fórmulas ritualescas; as chamas consomem bibliotecas que encerravam tesouros da sabedoria antiga; os anátemas fulminam as consciências. O fanatismo campeia e é hàbilmente manejado na treva, para eliminar concorrentes, para resolver rivalidades e satisfazer ambições. Por fim, as fogueiras e as torturas foram as armas que a Igreja Romana considerou decisivas para impôr os seus dogmas; mas elas não conseguiram suster a torrente impetuosa do progresso, nem destruir o anseio de liberdade que desfaz todas as algemas, mais cedo ou mais tarde, por mais fortes que pareçam. A violência nunca foi apoio firme. Só a ela recorrem os que não confiam no valor das idéas que defendem. A generosidade e a tolerância foram sempre um sintoma de fôrça e de intelligência. Defender um sistema, religioso ou político, que se opõe à liberdade de pensamento, é ser menos do que escravo: é a declaração formal de incapacidade e de indignidade.

Os principais padres da Igreja Grega primitiva, Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Gregório de Nyssa, etc., faziam da comunicação com os espíritos um dos princípios fundamentais do seu ensino, assim como alguns vultos eminentes da Igreja Romana, entre os quais mencionaremos Santo Agostinho (De Cura pro Mortuis; De Civitate Dei) e S. Tomás de Aquino (Summa totius Theologiæ). S. Justino (Apologétique, liv. III) apresenta como argumento decisivo a favor da immortalidade da alma, a possibilidade de evocar os mortos. Lactâncio (Institutions, liv. VII) diz que « se se ouzasse negar a existência das almas depois da morte, bem depressa o mágico nos convenceria disso fazendo-as aparecer».

Há verdades religiosas, que só podem ser proclamadas por aqueles que fazem da religião um apostolado e não temem a luz. A comunicação com os espíritos é uma delas e assim se compreende bem que, dada a depravação do sacerdócio a que se refere Barónio, o seu conhecimento e a sua prática, entre os leigos, representava uma ameaça constante e um perigo iminente de serem desmascaradas as suas intenções e enfraque-

cido o seu poder. Não admira pois que, aqueles que se dedicavam a práticas espiritistas fôsem acusados de feitiçaria e lançados às fogueiras como demoníacos e heréticos. Foi o que sucedeu a milhares de pessoas, só porque produziam fenómenos cujo estudo e conhecimento vinha fazer luz onde a Igreja queria manter a treva para melhor impôr o absurdo dos seus dogmas. Mas, a-pesar-de todas as perseguições, os fenómenos nunca deixaram de produzir-se. A Idade Média é povoada de espectros (1), que as fogueiras não intimidam. Rogério Bacon é acusado de magia e passa quarenta anos na prisão. Giordano Bruno (Candelaio), uma das figuras mais brilhantes da Renascença, acreditava na comunicação com os espíritos e talvez fôsse êsse o factor determinante do seu suplício. Também Joana d'Arc foi condenada à fogueira por ouvir vozes misteriosas (2) que a incitavam a libertar a França. Isso não impediu que, séculos depois, fôsse canonizada. E' êste um facto que define bem o critério da Igreja Romana: os fenómenos que primeiro havia considerado diabólicos, com o tempo transformaram-se em milagres!

«Durante o espaço de alguns anos — diz Michelet (Jeanne d'Arc) — antes e depois da Pucela, todas as províncias teem os seus inspirados. E' uma Pierrette, bretã, que conversa com Jesus Cristo. E' uma Maria d'Avignon, uma Catarina de La Rochelle. E' um pequeno pastor que Xantrailles traz do seu país, o qual apresenta estigmas nos pés e nas mãos, e exsuda sangue nos dias santos.»

Tasso e Cardan teem os seus génios familiares. O cardeal Bona na sua obra «*Da Distinção dos Espíritos*» diz: «E' motivo de estranheza que se possam encontrar homens de bom senso que tenham ousado negar, em absoluto, as aparições e as comunicações das almas com os vivos, ou atribuí-las a uma fantasia da imaginação, ou à arte dos demónios.» Na «*História das práticas supersticiosas*» (tomo VI) diz o padre Le Brun, do Oratório: «As almas que desfrutam a bemaventurança eterna, abismadas na contemplação da glória de Deus, não deixam de se interessar, pelo que respeita aos homens, cujas misérias suportaram; e, como atingiram a felicidade dos anjos, *todos os escritores sacros*, lhes atribuem o privilégio de poderem, sob corpos etéreos, tornar-se visíveis aos seus irmãos que ainda se encontram na terra, para os consolar e lhes transmitir as divinas vontades.» Kant exprime-se assim: «Bem depressa, e o tempo é próximo, se chegará a demonstrar que a alma humana pode viver, desde esta existência terrestre, em comunicação estreita e indissolúvel com as entidades imateriais do mundo dos Espíritos; será compreendido e demonstrado que êste mundo age, sem dúvida, sôbre o nosso e lhe comunica influências profundas de que o homem de hoje não tem consciência, mas que reconhecerá mais tarde. Aqueles que se dão gratuitamente o nome e o relêvo de sábios riem-se de

(1) Discours et Histoire des spectres, visions et apparitions des esprits, anges, démons et âmes se montrant visibles aux hommes — Pierre Leloyer; Essai sur l'histoire et l'apparition des Esprits — Daniel de Foe; Mémoires sur les Sciences Occultes — Schopenhauer. Louis Figuier que na *Histoire du Merveilleux* negava a realidade dos fenómenos espirítas, viu-se forçado, pelos factos, a reconhecer a sua realidade e proclamou-a no seu livro *Lendemain de la mort, ou la vie future selon la Science*.

(2) O arcanjo S. Miguel aparece a Joana e fala-lhe da situação penosa em que se encontra a França. O quadro de Cabanes representa Joana escutando o arcanjo que é portador duma mensagem divina. «Eu tinha treze anos quando ouvi uma voz vinda de Deus», diz Joana; e Lematte deu vida e côr a esta scena singela: — Junto duma árvore frondosa, as ovelhinhas brancas pascem, enquanto Joana, menina e moça de longa trança, roca na cinta, escuta maravilhada as vozes misteriosas dos seres invisíveis que a conduzem. E uma ovelhita a seu lado escuta também, quem sabe?, aquela fala amiga que há de erguer a sua pastorinha e confortá-la nas horas de sacrifício, amparando-a até à fogueira que havia de a abraçar em luz. Ao fundo, a terra e o céu beijam-se, e umas árvores esguias, sonâmbulas, contemplam extáticas esta dupla scena de luz e de amor,

tudo o que, inexplicável para o sábio como para o ignorante, coloca ambos ao mesmo nível. E' o que faz que as histórias de fantasmas sejam sempre escutadas e bem acolhidas na intimidade, mas impiedosamente condenadas em público.»

Swedenborg produziu fenómenos espiritistas bastante notáveis e obteve comunicações dos Espíritos que publicou nas suas obras: « *Opera Cælestia* » e « *Hierosolyma Theologia novæ Ecclesiæ* ». Mas o movimento espiritista contemporâneo teve por origem os fenómenos produzidos na América em casa da família Fox que vivia em Hydesville, pequena cidade do estado de Nova-York, e tiveram uma repercussão extraordinária em todo mundo culto.

As descobertas marítimas dos portugueses ⁽¹⁾ e espanhóis tinham posto o ocidente em contacto com as civilizações orientais permitindo o influxo das suas artes e da sua cultura. Além disso, a descoberta da imprensa em 1450 e a da gravura permitiram a vulgarização das obras primas da antiguidade, exercendo uma influência profunda no pensamento ocidental, e provocando uma erudição que muito enriqueceu a mentalidade europeia.

Com a queda do império romano do Oriente, os gregos de Constantinopla, fugindo aos golpes da cimitarra turca, refugiaram-se no Ocidente, onde se dedicaram ao ensino da língua e cultura helénicas, favorecendo o movimento da Renascença que se esboçava. A cultura helénica começa a dominar, embora mais pela forma do que pela essência. A preocupação de seguir os moldes clássicos secou a fonte de inspiração artística. Nisso se revela a falta de compreensão do espírito helénico em que o culto da liberdade se revela em todas as suas manifestações, artísticas, literárias, filosóficas e políticas. A beleza não deve ter a severidade geométrica em que o raciocínio matemático imponha regras fixas, mas sim a maleabilidade caprichosa do sentimento, para que possa exercer uma fascinação invencível. Uma característica notável do pensamento helénico é a intuição profunda de beleza que revela, e o domínio que a estética exerce em todas as formas da actividade espiritual, desde a objectivação das artes plásticas até à expressão subjectiva da moral. Os gregos eram fundamentalmente géometras, porque só a geometria pode aliar a pureza das formas à beleza do raciocínio lógico; mas a geometria que eles applicavam tinha um coeficiente variável cujo valor era dado pela intuição do artista. As portas do batistério de Florença, que Miguel Angelo considerava dignas de figurar como portas do Paraíso, foram trabalhadas por Ghiberti, segundo regras geométricas, mas a sua beleza provém exactamente da modificação que o artista introduziu ao applicá-las. O grande segredo da arte está na determinação desta incógnita. A par das regras objectivas da arte, há também princípios subjectivos que não podem ser desprezados. A beleza é o equilíbrio dos dois factores; por isso a arte traduz o espírito das sociedades que a produzem.

O espírito helénico differia fundamentalmente do espírito europeu do século XV e daí a dificuldade de compreensão e realização da arte grega pelos artistas da Renascença. A' medida que a Europa se ia integrando na cultura helénica, a arte ia sendo também melhor assimilada. Mas os povos diferenciavam-se pelas suas características psicológicas, e, se alguns eruditos conseguiram adaptar-se a uma arte diferente da que exprimia os sentimentos e as idéas próprias da sua raça, o mesmo não acontecia às massas po-

(1) «Nenhuma nação do mundo, diz Leroy Beaulieu, fez coisas tão grandiosas como Portugal relativamente à sua extensão e população».

pulares. Só quando a Alemanha, na segunda metade do século XVIII, então os primeiros cânticos do romantismo, a arte quebra a rigidez das formas clássicas a que faltava a vida interior, espiritual, preparando caminho ao espiritualismo filosófico e científico que havia de brotar duma revisão das teses filosóficas, depois que a Igreja não pôde mais sustentar o vôo do pensamento. A vida artificial dos salões sucede o culto da Natureza; e a vida dos campos movimentava-se, alegrava-se. As belezas naturais constituem o objecto do novo culto. Pan é glorificado. As tradições populares tornam-se uma fonte de inspiração, e o estudo comparado das religiões fecunda a crítica filosófica. Neste cenário encontram os espíritos ambiente favorável para se manifestar, reatando a tradição; e os artistas, que querem exprimir a beleza eterna, íntima e transcendente, procuram apenas a beleza das almas, o imponderável da vida. O romantismo pode, pelas suas características dominantes, considerar-se o precursor estético do espiritismo contemporâneo: uma efflorescência do espírito cristão. O célebre poema de Klopstock—*A Messiada*—glorificando o Messias e o cristianismo primitivo, traça uma nova directriz ao pensamento ocidental. Depois, o *Fausto* de Goethe é já um poema profundamente esotérico inspirado nos prodígios dum afamado taumaturgo do século XV, João Fausto. O maravilhoso domina a literatura e uma plêiade brilhante de artistas e filósofos (Walter-Scott, Vitor Hugo, Lamartine, Tolstoi, etc.) proclama abertamente a realidade do mundo invisível e a sua acção constante sobre o mundo visível.

* * *

A crença nos Espíritos, que se encontra desde a mais remota antiguidade, necessariamente se apoia em factos concretos, pois, de outra forma, apenas surgiria quando a mentalidade do homem tivesse atingido um nível superior. De facto, foram as aparições de fantasmas dos mortos que impuseram, às raças primitivas, a crença na immortalidade. Nas lendas mais antigas que fazem parte das tradições primitivas dos diferentes povos, abundam as referências a fenómenos espíritas e a sua universalidade é já uma prova formidável da sua realidade. Além disso, em todas as religiões, a par das obras literárias que, pela sua antiguidade, foram integradas nos livros sagrados, outras há cujas características indicam tratar-se de comunicações espiritistas, em grande parte verbais, que a tradição transmitiu de geração em geração até que a escrita as permitiu fixar. Estas comunicações foram, certamente, adulteradas por uma longa tradição oral, pois, em geral, medeia muito tempo entre a época em que foram recebidas e aquela em que foram escritas. Os próprios profetas a quem se atribuem êsses livros sagrados, os apresentam como obtidos por revelação. Simplesmente as classes sacerdotais das várias religiões, para darem um carácter absoluto às suas doutrinas e revesti-las duma autoridade indiscutível, atribuem, ao próprio Deus, a revelação dos textos sagrados. E' assim que os brahmanes consideram os *Vedas* ⁽¹⁾ como revelados pela Inteligência suprema. O *Manava-Dharma-Sastra* ⁽²⁾ (Livro das Leis de Manú) é também tido como revelado ao primeiro Manú (Swayambhuva) pelo próprio Brahma. Os chineses conside-

(1) Estes livros sagrados dos indús (Rig, Yadjur, Samana, Atharvana) cuja origem remonta a uma altíssima antiguidade foram compilados por Vyasa, cerca de 14 séculos a. J. C. e fixados definitivamente pela escrita entre os séculos IX e VIII, data em que a escrita foi introduzida na India, devido à influencia fenícia, segundo alguns orientalistas.

(2) Este código foi também transmitido oralmente durante muito tempo, até que foi fixado pela escrita, em *Slokas* ou estâncias de dois versos com uma medida que os indús consideram inventada por Vâlmiki.

ram os seus Kings ⁽¹⁾ também revelados. O *y-King* (trad. — Philastre), espécie de enciclopédia, o mais respeitado dos livros sagrados da China, é atribuído a Fo-Hi que o obteve por revelação quando se encontrava no canavial que escolhera para seu refúgio ascético. No Egito os *Livros de Hermes* foram revelados por uma voz misteriosa que os sacerdotes diziam ter sido a própria divindade (Livre Authentique d'Hermès-Trismégiste — Poenander). O *Zend-Avesta* (A Palavra Viva) ⁽²⁾ que é o livro sagrado dos persas de cuja tradição os *güebros* se consideram os mais legítimos representantes, foi revelado a Zoroastro pelo « amschaspand » (espírito duma elevada hierarquia) Vohu-Manô que aos 30 anos lhe apareceu nas margens do rio Daitia, para onde êle se havia retirado como refúgio preparatório da sua missão divina. Os japoneses também consideram os seus livros sagrados, como obtidos por revelação. O *Ni-Hon-Sio-Ki* ⁽³⁾, que é o livro sagrado por excelência, apresenta mesmo notáveis características de revelação. Os livros sagrados dos hebreus cuja revelação é atribuída directamente a Jeová, quer na sarça do Sinai em que Moisés recebeu o decálogo quer nos desertos onde os profetas se recolhiam para satisfazer as suas tendências místicas, são compostos de livros da literatura e história antiga dos hebreus, além dos que apresentam pròpriamente características de revelação a-pesar das modificações que uma longa tradição oral lhes introduziu. A *Kabala* (Tradição), livro sagrado dos essênios, contém os preceitos revelados por Deus a Abrahão e só foi redigida cêrca de dois séculos antes da nossa era, por Akiba e completada, mais tarde, por Ben-Jochai sob o nome de Zohar (a Luz). O *Alcorão* ou *Kitab-Allah* (Livro de Allah), apresenta também notáveis características de revelação espírita. Mahomet que a si próprio se intitula o *profeta iletrado*, afirma que o *Alcorão* não é obra sua, mas que lhe foi ditado pelo anjo Gabriel. « O Alcorão é uma revelação que lhe foi feita. » (Alcorão — LIII — 4). Mahomet refere-se à acção constante dos espíritos sôbre os homens. (Alcorão — XIII — 12). Esses espíritos podem ser bons ou maus. (Id. — LXXII — 11). Demais, êle dá testemunho de todos os profetas anteriores: — « Nós acreditamos em Deus, acreditamos nos livros santos que Moisés, Jesus e os profetas teem recebido do Céu; nós não pomos nenhuma diferença entre êles » (Id. — III — 78). « Nós te temos dado a revelação que demos a Noé e aos profetas que viveram depois dêle. Nós a demos a Abrahão, a Ismael, a Isaac e a Jacob, às doze tribus, a Jesus, a Job, a Jonas, a Aarão, a Salomão e demos os psalmos a David. » (Id. — IV — 16).

A *Bíblia* está cheia de fenómenos espíritas como todos os outros livros sagrados; e pretender que só os demónios (na acepção falseada pela Igreja) podem manifestar-se aos homens, é destruir os alicerces de tôda a verdade religiosa, negar o valor de tôda a revelação e opôr-se à evidência do testemunho histórico. Só o impudor duma religião dogmática, cuja infalibilidade se tem

(1) Os *Kings* que a tradição oral transmitiu através de inúmeras gerações, supõe-se terem sido compostos cêrca de 20 séculos a. J. C. e foram revistos e coordenados mais tarde por Confúcio. Os principais são: *Y-King*, *Shu-King*, e *Shi-King*. Calcula-se que o grande profeta da China Fo-Hi, tivesse vivido 17 séculos antes de Moisés.

(2) O *Zend-Avesta*, tal como hoje existe, é constituído pelos fragmentos do *Grande Avesta* primitivo (escrito em 12.000 pergaminhos) que escaparam ao incêndio lançado à biblioteca de Persépolis por ordem de Alexandre. Dos 21 *nasks* que formavam o *Grande-Avesta*, apenas o *Vendidad* está completo. Somente os *güebros* e os parsis conservam hoje as tradições mazdeístas. Euxodo, citado por Plínio, faz remontar a data do nascimento do primeiro Zoroastro a cinquenta séculos antes da guerra de Troia.

(3) Os outros livros sagrados dos japoneses são o *Ko-Zi-Ki*, que Rosny (Mélanges Orientaux) considera a principal obra da antiguidade japonesa, e o *Man-Yô-Siu*.

mostrado apenas na opposição que sempre fez ao conhecimento da verdade, podia ter a audácia de semelhante afirmação. As próprias proibições de Moisés, referentes à evocação dos mortos, são uma prova implícita da possibilidade de os evocar, e já não seriam os demónios a manifestar-se como pretendem, angêlicamente, certos teólogos que dizem apoiar-se nelas. Essas proibições acham-se perfeitamente justificadas no facto das práticas espiritistas exigirem certas condições que o povo hebreu, ignorante e supersticioso até à mais baixa idolatria, não estava à altura de realizar. Doutra forma não se compreenderia a extraordinária importância que o profetismo teve entre os hebreus. « Antigamente, em Israel, todo o que ia consultar a Deus dizia assim: vinde e vamos ao vidente; porque aquele que hoje se chama profeta, chamava-se então vidente. » (Reis, liv. I, cap. IX — 9). O apóstolo S. João (ep. I, cap. IV — 1) é bem explícito: « Caríssimos, não acrediteis em todo o espírito, mas verificaí se os espíritos são de Deus ».

Para se compreender, porém, a revelação religiosa, em toda a sua extensão, é preciso estudar as doutrinas secretas que fazem parte da tradição esotérica de todas as religiões e eram reservadas a um pequeno número de iniciados ⁽¹⁾. Os livros sagrados são apenas a parte exotérica da revelação que estava mais de harmonia com a mentalidade do povo.

Todos os profetas tiveram discípulos dilectos que recebiam instruções especiais e directamente comunicavam com os espíritos ⁽²⁾ para melhor êxito do seu apostolado, e são êles que pròpriamente representam os primitivos iniciados dessas religiões.

Os *Evangelhos* ⁽³⁾ referem-se ao ensino secreto de Jesus, reservado aos apóstolos: « Eu lhes falo por parábolas porque a vós outros vos é dado conhecer os mistérios do reino dos Céus, mas a êles não lhes é concedido ». (Mat. XIII — 10, 11); idem (Marc. IV — 11, 12); idem (Luc. VIII — 10). Alguns padres da Igreja como Origenes, Tertuliano, S. Agostinho, S. Jerónimo, Fénélon, etc., também se referem ao esoterismo cristão.

(1) Os cabalistas praticavam a comunicação com os espíritos embora os seus livros sagrados não se refiram explicitamente a essas práticas, que faziam parte da sciência secreta reservada aos iniciados. Entre os indús o Angruchada — Parikchai tem uma parte consagrada à evocação dos *pitris*. Plutarco (De Jst et Osiri) que era sacerdote no santuário de Apolo Pítico, refere que os espíritos se manifestavam nos *Mistérios*.

(2) Que os apóstolos de Jesus eram assistidos e guiados pelos espíritos, não é possível a menor dúvida àqueles para quem o testemunho da Bíblia tenha algum valor. O *Espírito Santo* a que se refere a tradução portuguesa da *Vulgata* e que no texto latino é « *Spiritum bonum* » só foi imaginado como uma das pessoas da *Santissima Trindade* (!!!) no fim do século II. Mesmo que houvesse dúvidas sobre o verdadeiro sentido da expressão « *Spiritum bonum* » (Espírito bom) algumas passagens dos « *Actos dos Apóstolos* » são bastante claras para as desfazer: — « E não podiam resistir à sabedoria e ao espírito que nêle falava. » (Actos, VI — 10) « E o Anjo do Senhor falou a Filipe » (id., VIII — 26) « Então disse o Espírito a Filipe... » (id., VIII — 29) « Quem sabe se lhe falou algum espírito ou anjo? » (id., XXIII — 9) « Porque esta noite me apareceu o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo. » (id., XXVII — 23), etc., etc.

(3) Os Evangelhos só foram escritos depois da morte de Jesus. A narração de Marcos, que é a mais antiga, appareceu cêrca do ano 60 e depois vieram as de Mateus e Lucas já no fim do século I e a de João no principio do século II. A par destes Evangelhos que a Igreja considera canónicos, muitos outros existiram (S. Lucas, I) que arbitrariamente foram declarados apócrifos. Todas estas narrativas fragmentárias e adulteradas pela tradição oral, segundo os preconceitos variados dum meio heterogêneo, tinham os seus adeptos que formavam igrejas (*ecclesia*: assembléa) independentes até que, por ordem de Teodósio, a instituição do papado, impôs à cristandade a opinião do bispo de Roma. Depois, em 384, o papa Dâmaso encarrega S. Jerónimo de fazer a tradução latina do Antigo e Novo Testamento, formando a *Vulgata*, que seria considerada, desde então, a única ortodoxa. Para pôr, de acôrdo, textos divergentes, S. Jerónimo escolheu os que mais se harmonizavam com o carácter da Igreja, introduzindo-lhe alterações profundas para os fazer concordar e obscurecendo mais ainda o espírito do Cristianismo. Essa tradução que devia ser definitiva foi ainda modificada em 1590 por ordem de Sixto V e mais tarde por Clemente VIII.

Hoje que se encontra desfeito o êrro antropocêntrico, o homem não pode mais ser considerado o objecto exclusivo da atenção divina. Admitir a interferência directa de Deus sôbre o mundo seria desconhecer a existência de leis universais e reduzir Deus a um mesquinho papel, atribuindo-lhe, ao mesmo tempo, a grave responsabilidade das tolices e futilidades que se encontram em todos os livros sagrados a par de conceitos sublimes e verdades transcendentales. Basta porém, um conhecimento superficial dêsses livros canônicos para se reconhecer que a sua fonte de revelação está nas comunicações espiritistas. Temos dito já o suficiente para mostrar que a *revelação divina* foi sempre obtida por via espírita e nenhuma religião tem o exclusivo dela. Parece-nos, portanto, fora de dúvida que Mahomet foi inspirado pelos espíritos como Moisés e todos os profetas e dêles recebeu instruções como Sócrates e outros filósofos da antiguidade, como Jesus e os apóstolos, como Joana d'Arc e tantos outros médiuns. Já Platão (Livre des Lois) lamentava a facilidade com que se divinizam os génios que se manifestam nas aparições. Clemente de Alexandria (Discours aux Gentils, t., — I) diz: « São os vossos mortos que, fortalecidos pela autoridade que o tempo acaba por conferir ao êrro, se tornaram deuses para os seus descendentes. »

Não alongaremos mais êste artigo. Feita esta ligeira divagação histórica, à guisa de introdução, ocupar-nos-hemos, em outros artigos, dos fenómenos que fundamentam a teoria espiritista, não deixando de apresentar as outras hipóteses metapsíquicas com que pretendem explicá-los certos autores. Infelizmente não há evidência possível quando os preconceitos se opõem à livre investigação da verdade.

ANTÓNIO L. VILELA

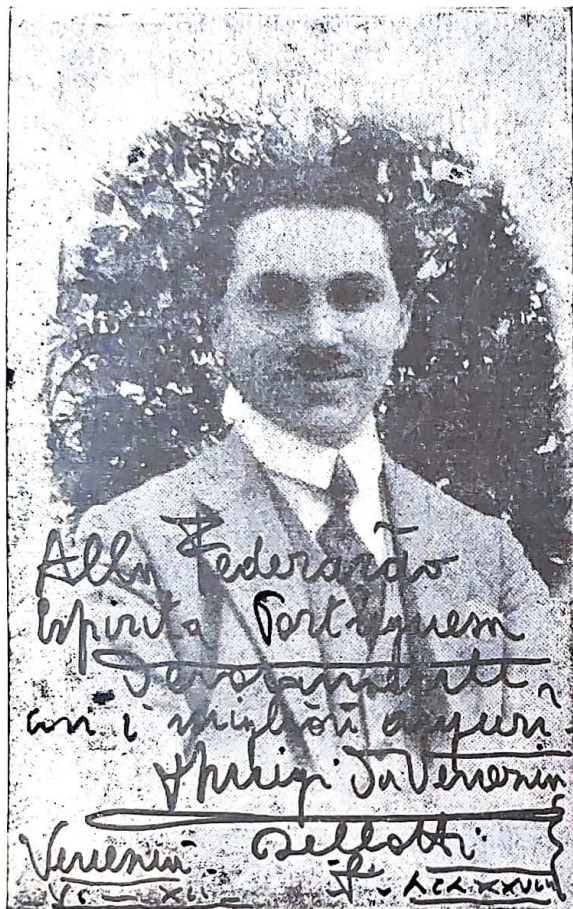
A «REVISTA DE ESPIRITISMO» ao entrar no seu 3.^o ano de publicação saúda os seus prezados leitores fazendo votos a Deus pela Paz da Humanidade e Harmonia Universal.

A COMISSÃO DIRECTIVA desta Revista agradece reconhecidamente aos seus dedicados Confrades que, com todo o desinterêsse, e por vezes à custa de pesados sacrifícios, lhe teem prestado a sua leal e valiosa cooperação ou teem contribuido para a CAIXA DE PROPAGANDA.

Prof. Luigi Bellotti

Damos hoje aos nossos leitores um interessante artigo em que o illustre prof. Luigi Bellotti descreve as suas múltiplas e prodigiosas faculdades medianímicas. Este nosso dedicado Confrade teve a extrema gentileza, que muito nos penhora, de mandar fotografar alguns dos seus quadros mais belos, expressamente para a «*Revista de Espiritismo*». Em outros números desta Revista publicaremos novos trabalhos dêste médium extraordinário.

As minhas Mediunidades



Prof. Luigi Bellotti

Nos primeiros meses do ano de 1923 começaram os primeiros fenómenos e manifestações medianímicas devidas às minhas faculdades latentes e dotes psicofísicos, que, em pouco tempo, se avigoraram e exaltaram cada vez mais com o estudo, o exercício e a minha aplicação absorvente ao espiritismo, conquanto desde o fim da minha infância eu me sentisse sempre atraído para estes estudos, compreendendo a grande verdade ainda antes de ler e estudar as obras, jornais e revistas que se relacionavam com êles.

A's primeiras comunicações psicográficas ensaiadas, seguiram-se pequenos *apports*, deslocamentos de móveis e objectos, *raps*, depois *apports* de autógrafos com mais freqüência, comunicações psicográficas mais apreciáveis e cada vez mais interessantes com descrições da vida em outros mundos, inferiores, médios e superiores. Os *apports* medianímicos espontâneos tornaram-se cada vez mais freqüentes, numerosos e importantes, alguns de objectos raros, preciosos, dando sempre novas e evidentes provas. Após o primeiro ano, no qual cheguei a obter a levitação de mesas pesadíssimas e *apports* sempre novos, de flores, de aguarelas, de desenhos fluídicos, vie-

ram factos medianímicos espontâneos, quasi quotidianamente, sempre novos e variados, seguidos de indicações e conselhos das mais elevadas Entidades que a todo o instante, há quatro anos, continuam a comunicar e a fornecer sempre novas provas para me habilitarem a desenvolver a minha missão de luz, fornecendo-me um precioso material próprio para iluminar aqueles que não sabem converter os scépticos.

Sob o conselho das Entidades, tentei a execução de quadros, em transe e com os olhos vendados, para melhor me concentrar; e de facto neste período executei mais de 30, alguns num minuto e em completa obscuridade, com as diferentes técnicas e maneiras dos vários Mestres que me serviam de guias, na presença, quasi sempre, de outras pessoas, algumas delas estrangeiras, como o architecto americano L. Matcalfe, a escritora inglesa Barbara Musgrave, jornalistas, médicos, etc. Os meus trabalhos foram-me feitos executar por T. Cremona, Monticelli, G. Giardi, D. Tiepolo, Cbianca, Mogioli, Segantini, Previati, Fragiacom, Courbet, Gioli, Massimo de Azeglio, A. Canella, etc., etc.

Os *apports* agora excedem 5.000 (cinco mil) e são outras tantas as comunicações obtidas psicograficamente.

Impossível é descrever aqui o material recolhido e os factos ocorridos em

tantas ocasiões, as provas obtidas, os fenómenos sempre diversos e miraculosos.

Alguns dos principais factos, inerentes às minhas mediunidades, foram referidos e expostos nas revistas: «*Light*», de Londres (dois artigos, sendo um de 3 de Setembro); «*Revue Spirite*», de Paris; na «*Revue Metapsychique*»; na «*Vie d'outre-tombe*», de Liège, etc.; e na Itália nos jornais: «*Tribuna*», «*Ambrosiano*», «*Piccolo della Sera*», de Trieste; «*Renascimento*», «*Corriere delle Puglie*», «*Mattino*», «*Corriere di Napoli*», «*Corriere della Laguna*» de Veneza; e nas revistas, «*Mondo Occulto*» e «*Veltro e Luce*».

Colaboro no «*Mondo Occulto*» e no «*Veltro e Luce*» onde foram já publicados diversos artigos meus, revelando factos e fenómenos obtidos, descrevendo e relatando comunicações medianímicas escritas, *apports* etc. Tenho também várias obras espiritualistas entre mãos.

Os *apports* mais importantes obtidos espontaneamente, ou durante as sessões, ou no «cofre» onde muitas vezes foram encontrados, são de preferência autógrafos e vários escritos em italiano, latim, francês, inglês, alemão, provençal, turco, hebraico, japonês, indiano, chinês antigo, etc. Obtive 1312 manuscritos autógrafos, inéditos, de mil autores, com aforismos, máximas, sentenças, divisas, juízos, pensamentos, em prosa e em verso, desenvolvendo todos os temas da espiritualidade, de santos, papas, reis, imperadores, literatos, artistas, cientistas, poetas, heróis, personalidades várias, amigos de todos os tempos e lugares; composições musicais, inéditas (40) de Wagner, Verdi, Chopin, Beethoven, Pergolesi, Paganini, Mercadante, Ricci, Puccini, Leoncavallo, Grieg, Mozart, Donizetti, Rossini, Bellini, Haydn.

Desenho xilográfico fluidico, obtido por apport medianímico-espontâneo, figurando S. Francisco de Assis. — Dimensões 50 × 70 cm. — Médium Luigi Bellotti

(Fotografia inédita, tirada expressamente para a *Revista de Espiritismo*)

Mendelsohn, Catalani, Spontini, etc., etc.; pergaminhos, papiros e documentos de todas as épocas, posto que raríssimos, entre os quais um papiro histórico «maja», quatro pergaminhos do manuscrito autógrafo original do *Canto do Sol*, de S. Francisco de Assis, nos quais são evidentes até as correcções, um pergaminho com os primeiros versos de Dante Alighieri, escrito em 1278, único que creio ser autógrafo de Dante, assinado; mais de quatrocentas moedas de cobre, bronze e prata de diversas épocas, entre as quais uma cunhada no momento por Benvenuto Cellini com figuras simbólicas; desenhos com vistas de cidades de outros mundos, inferiores, médios e superiores, executados por G. Doré, Favretto, Luis Nono, etc.; Escarabéos gravados em pedra de várias côres, egípcios, ídolos, um anel de alabastro que traz gravado o Deus solar alado e hieroglifos que significam o nome do Faraó Mernoptah, do tempo do êxodo israelita; objectos raros de excavações arqueológicas; pequenas impressões em cera; monogramas de imperadores e reis; divisas em latim, dos Papas, autógrafos microscópicos; grandes desenhos fluídicos entre os quais um Sudário, trazido durante a Semana Santa, sobre papel ainda

por cilindrar; volumes inéditos entre os quais o de Napoleão I; um canto de Mamei em 200 versos; «La terra si desti», o canto dos Espíritos; flores, auto-retratos, fotografias com dedicatórias, objectos dos mais variados, dinheiro para esmolas, para beneficência, etc. etc.

Os *apports* são de dois géneros: de objectos existentes, perdidos, esquecidos e sepultados; ou criados, na ocasião, fluidicamente, pelas próprias Entidades que os trazem, pela projecção de fluidos, que no momento do *apport* se distinguem pela marca fluídica dum azul brilhantíssimo.

Quási sempre os *apports* são pre-anunciados por pancadas, ruídos e sons. Além das mediunidades de *apports* e psicografia, eu tenho a faculdade de me *desdobrar*; e nesse estado «viajo em astral», tendo feito 56 «viagens» como digo no meu artigo:—«*Mar-*



G. Doré

Desenho fluidico, de G. Doré, obtido por *apport* medianímico espontâneo, figurando um mundo inferior. — Médiun Luigi Bellotti (Fotografia inédita, tirada expressamente para a *R. de Espiritismo*)

te e seus habitantes descritos por quem lá esteve», publicado na revista: «*Mondo Occulto*» (Setembro-Outubro) N.º 5.

Prof. LUIGI BELLOTTI

Sócio honorário da «Societa Psichica International» (Sob a égide da Sociedade das Nações); e da «Academia das Ciências e Letras de Génova». Director da Casa Editora de Obras Espiritualistas (Leonardo da Vinci) — S. Croce 2225 — Calle della Rosa — Venezia 8.

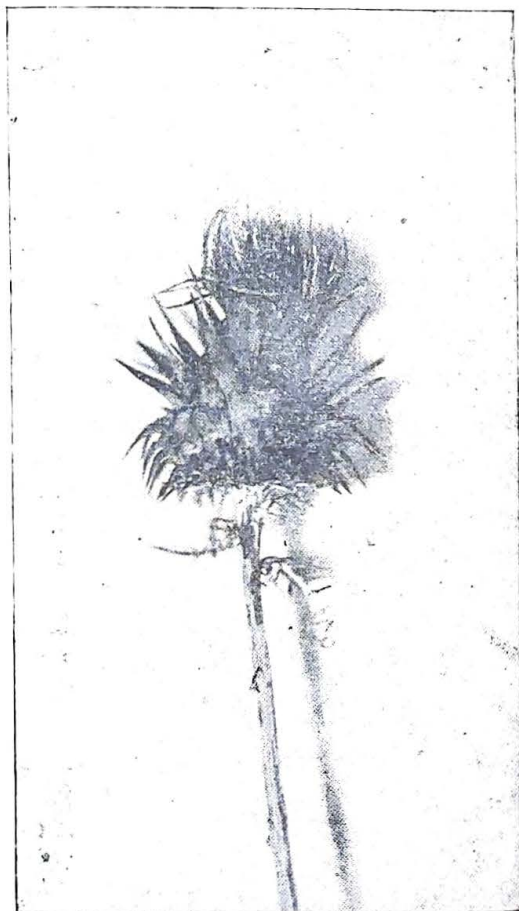


Desenho executado em 9 (nove) minutos, no estado de transe, com os olhos vendados, na presença do Dr. G. M. — Aguarela inspirada por D. Morelli — Dimensões 70 x 100 cm. — Médiun Luigi Bellotti (Fotografia inédita tirada expressamente para a *Revista de Espiritismo*)

Experiências Metapsíquicas

V I

APPORT DUMA ALCACHOFRA



Alcachofra com a qual se obteve o APPOINT

Dia 12 de Junho, 10 horas da noite em casa do Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa, Dr. A. de Oliveira Feijão. Fiscalização rigorosa feita pelo Professor. Presentes; D. Elisa Machado e D. Maria de Andrade, médiuns; D. Maria Falcão, meu marido Léon Lacombe, o Professor e eu. Formamos a corrente em volta duma mesa de três pés. As portas estavam, como sempre, rigorosamente fechadas. Apagou-se a luz e eis o que se passou:

Eu tinha trazido de minha casa uma alcachofra, das que se costumam queimar nas noites de Santo António e S. João. Foi propriamente o Professor que, depois de a marcar duma forma especial, só d'ele conhecida, a colocou sobre uma mesa e todos pedimos à força que se costuma manifestar, para mais uma vez executar o fenómeno de passagem da matéria através da matéria e que, quando o fizesse, nos avisasse por meio de uma pancada forte.

Depois de vários fenómenos, sempre os mesmos, mas sempre interessantes, tais como toques em nós todos, transposição de objectos, uma bengala arremessada através do gabinete, ganchos de fantasia tirados do meu cabelo para a cabeça de outra senhora, flôres tiradas dum vaso e atiradas sobre nós, toques num timbre, etc., etc., ouvimos

a pancada indicando-nos que a passagem da alcachofra estava feita. Fizemos luz, e, sobre um papel, longe de nós, estava escrito o nome duma entidade que pretende ser minha amiga mas que, por motivos particulares, não quer que eu diga o seu nome. Verificámos também que dentro duma estante estava um bilhete todo amachucado e mudado de prateleira. Este bilhete tinha sido ali posto pelo Professor para vêr se elle passava para fora da estante sem se abrirem as portas, ficando o Professor com a chave na algibeira. Não o passaram para fora, mas sempre lhe tocaram de alguma maneira, para o poderem amachucar.

Quanto à alcachofra, não estava no seu lugar, nem mesmo no gabinete. O Professor, abriu então a porta que tinha fechado à chave, foi ver o corredor antes que alguém saísse do gabinete, e ali a encontrou.

Ficámos todos satisfeitos, pois que, manifestações desta natureza, encantam-nos sempre. O Professor ficou estupefacto, e nós também, pois embora várias vezes

o fenómeno se tenha produzido, ficamos sempre impressionados e maravilhados e, no caso desta experiência, ainda mais, por nos parecer (devido sem dúvida à nossa ignorância) que foi talvez preciso a essa entidade oculta muita força para poder passar esta noite uma alcachofra cheia de espinhos, sem deixar vestígios. A nossa gravura representa a alcachofra a que nos referimos.

Lisboa.

MADALENA FRONDONI LACOMBE



Um caso de Identificação Espírita

No fim do verão de 1915, em Setembro, se bem me recordo, deu entrada na minha Casa de Saúde da Estrêla, uma menina, chamada Edith, filha da illustre cantora D. Laura Tágide Tavares, hoje bem conhecida pela sua lindíssima voz de soprano e pelo grande talento artístico com que tem desempenhado os principais papeis de algumas óperas, quer em Portugal, quer no estrangeiro, sempre com unânimes aplausos. Essa menina, que contaria uns 14 anos, tinha uma meningite cérebro-espinal, e, a-pesar-dos proficientes cuidados do meu insigne e saudoso colega, Dr. Carlos França, glória da medicina portuguesa, caiu em cômá no dia seguinte ao da entrada na minha Casa de Saúde e faleceu alguns dias depois. Horas após o seu falecimento, uma pessoa de minha família, médium psicográfico, que, sem nunca ter conhecido minha mãe, já falecida há bastantes anos, nem meu filho Manuel, escreveu algumas comunicações medianímicas com a caligrafia e o estilo que lhes era próprio, sentiu uma irresistível vontade de escrever e, no primeiro papel que encontrou à mão — uma cinta de jornal — numa caligrafia totalmente diferente da sua e proximamente nestes termos, traçou as seguintes frases: «*Edith. Peça que digam à minha mamã que não chore porque eu estou muito bem e dou por bem empregado tudo quanto sofri pelo bem estar que agora desfruto*».

Perguntando-se à entidade comunicante se era aquela a sua caligrafia a resposta foi que era aproximadamente igual, mas não podia fazer melhor.

Sem saber como deveria desobrigar-me do pedido que nos era feito pela entidade manifestada, por ignorar como seriam recebidas pela mãe desta menina aquelas declarações, mas não querendo deixar de satisfazer o pedido, resolvi enviar, anònimamente, pelo correio, para casa da sr.^a D. Laura Tágide Tavares o papel em que tinham sido escritas aquelas consoladoras palavras.

Passados dois dias, procurou-me esta senhora para me agradecer a mensagem, dizendo-me que só poderia partir de mim e declarando-me que a letra, muito especialmente a do nome, era exactamente igual à de sua filha quando escrevia depressa. Sei que por muito tempo esta senhora conservou, religiosamente, esta relíquia de sua filha, última manifestação tangível do grande amor filial que esta menina, criança bondosíssima, tributava a sua mãe.

Confesso que só a interpretação espiritista dèste facto me satisfaz. Não podendo duvidar da boa fé do médium a quem devo êste fenómeno e em quem reconheço a mais inconcussa probidade moral, nem mesmo posso invocar a criptomnésia para o explicar, visto que o médium nunca vira a letra da falecida. Só posso pois attribuir esta prosopopéa à influência da entidade espiritual daquela menina.

AMÉLIA CARDIA

Médica

N. da R. — Publicamos a seguir a carta dirigida pela ex.^{ma} sr.^a D. Laura Tágide Tavares à sr.^a Dr.^a Amélia Cardia, confirmando êste caso de identificação.

Lisboa, 8 - 10 - 1928.

Ex.^{ma} Senhora

Os meus respeitosos cumprimentos a V. Ex.^a. Gratíssima agradeço a V. Ex.^a a sua amabilidade, publicando a comunicação feita por minha adorada filha, após a sua desincarnação. Essa comunicação foi um suave bálsamo para a minha natural dor de mãe, sabendo que minha filha vivia espiritualmente e talvez pudesse acompanhar sua mãe através da sua prova na Terra.

De V. Ex.^a Respeitadora e Mt.^o Obg.^a

(a) LAURA TÁGIDE ROQUETTE DE SEQUEIRA TAVARES

Casa de V. Ex.^a

Travessa da Senhora da Glória (à Graça) n.^o 15 — Lisboa.

P. S. — Ainda hoje conservo a cinta de jornal em que foi escrita a comunicação de minha boa filha, que desincarnou a 10 de Setembro de 1915.

(a) LAURA TÁGIDE TAVARES

Sócio benemérito



SR. FIRMINO DA ASSUNÇÃO TEIXEIRA

O Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, em sua sessão de 5 de Janeiro do corrente, considerando os relevantes serviços prestados ao Espiritismo pelo nosso dedicado Confrade sr. Firmino da Assunção Teixeira e o valioso apoio financeiro que tem dado à Federação, contribuindo, generosamente, para a Caixa de Propaganda desta Revista e oferecendo vinte mil escudos (20.000\$00) para a Subscrição Pró-Sede, aprovou, por aclamação, a proposta da Direcção para que fôsse nomeado sócio benemérito.

E' pois com o mais subido prazer que publicamos a fotografia do novo sócio benemérito da Federação Espírita Portuguesa como modesta homenagem de gratidão, registando um nobre exemplo de dedicação ao nosso Ideal.

O Espiritismo e a Arte

MÉDIUNS PINTORES

I — Victorien Sardou

As mediunidades registadas nos anais da metapsíquica e do espiritismo multiplicam-se e especializam-se de tal forma que cada dia se apontam modalidades novas e aspectos singularmente interessantes do funcionamento hipersensorial de faculdades, que, possivelmente, jazem latentes em todo o sêr humano, mas que excedem, em alguns indivíduos, as actividades psíquicas normais, para ingressarem no campo parapsicológico.

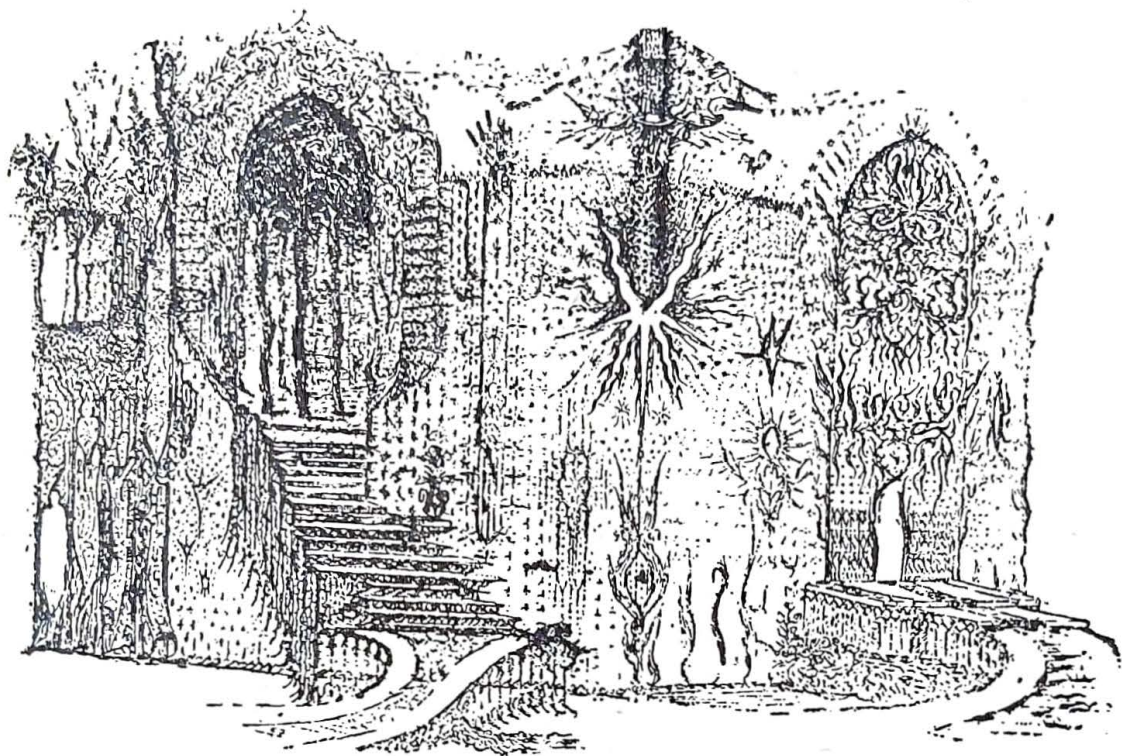
Perante tão assombrosas manifestações somos levados a admitir, necessariamente, que é apenas devido a uma insuficiência dos nossos sentidos que nós não apreendemos todos as mesmas sensações e que essa diferenciação, tão notável em certos indivíduos, seja resultante, para os que a possuem, duma disposição especial das ligações psicò-físicas. Concebe-se que uma união, mais ou menos estreita, entre os princípios espirituais e o corpo material possa determinar uma maior ou menor amplificação dos sentidos normais, transferindo, embora por vezes imperfeitamente, a noção de algumas realidades hiperfísicas para o plano consciente das sensações.

Similhantes manifestações sugeriram ao ilustre e sábio médico metapsiquista, o prof. Richet, a hipótese de que elas seriam determinadas pela irrupção abrupta dum *sexto sentido*, que, de futuro, será comum e perfeitamente normal.

E' do domínio experimental, afirmando a sua realidade todas as escolas oculistas, a aquisição de faculdades supra-sensíveis que, com determinados treinos de concentração e meditação, se educam e aperfeiçoam. Acreditamos sinceramente que assim seja porque, embora nunca tivéssemos atingido estados de superconsciência clarividente, temos todavia sentido um inefável gôzo espiritual, acompanhado de estados de lucidez e intuição, sempre que, com mais intensidade, procuramos viver as verdadeiras leis da vida e meditar o intimismo de tudo o que nos rodeia. Temos, pois, como certo, que pode adquirir-se uma notável acuidade dos sentidos espirituais, desde que refreemos corajosamente as nossas tendências viciosas e dinamizemos vigorosamente todos os impulsos para o bem. Quando tôda a humanidade o compreender unânimemente e seguir êsse caminho de sacrifício, as faculdades perceptivas alargar-se hão consideravelmente; e, pode talvez afirmar-se, sem receio de errar, que o somatório de faculdades supra-sensíveis, adquiridas por êsse modo, constituam um sexto sentido, mais ou menos apurado, conforme a dinamização do esforço empregado para o alcançar.

Diferem todavia essencialmente pela sua origem as faculdades medianímicas espontâneas, que o prof. Richet pretende enquadrar todas no sentido criptestésico, e as faculdades mediúnicas adquiridas conscientemente pelo esforço individual, no sentido da evolução. Aproximam-se, porém, nos seus resultados, pois que, espontâneas ou adquiridas, elas nos põem em contacto com o mundo espiritual, donde providencialmente nos são ministrados os ensinamentos que hão-de conduzir-nos ao nosso verdadeiro caminho. As primeiras são as que impressionam e atraem maior número de indivíduos e aquelas cujo estudo há-de chamar à espiritualidade a grande massa; o estudo das segundas é reservado apenas a um restrito número de indivíduos, que, na grande maioria dos casos, foram para êle atraídos pelo conhecimento de faculdades espontâneas. Parece-nos por isso lógico, que todo aquele que atingiu o grau evolutivo necessário para compreender eclécticamente a função espí-

ritualizadora, quer do Espiritismo (englobando nele todas as possibilidades anímicas, como manifestações da alma humana, incarnada ou desencarnada), quer de todas as outras correntes neo-espiritualistas, falha, à sua árdua missão de obreiro do Bem, se não aplicar ao estudo das mediunidades espontâneas, inatas ou desenvolvidas, a atenção que lhes é devida. Dariam mesmo uma prova de ingrato proceder, que completamente os afastaria do fim a que se propõem, aqueles — bem



Casa imaginária de Zoroastro em Júpiter
Desenho medianímico obtido pelo insigne escritor francês Victorien Sardou

numerosos aliás — que aos fenómenos psíquicos, espontâneos ou provocados, devem a sua iniciação nos conhecimentos espirituais. O desprezo por essas manifestações seria, além disso, dum egoísmo condenável, pois é evidente que hão-de ser elas que chamem ao caminho da espiritualização, os peregrinos que, neste mundo de prova, estão subservientemente escravizados à matéria; e todo o obreiro, consciente da sua missão, tem de fazer evoluir os seus irmãos que nos campos extremistas se debatem, na torturante e angustiosa dúvida, no horrífico e apavorante abismo materialista.

Uma das mediunidades espontâneas, que últimamente tem atraído para os estudos psíquicos maior número de indivíduos, alguns deles duma alta mentalidade, é a mediunidade artística. E compreende-se que assim seja. Quando, por exemplo, ao visitar uma exposição importante como o Salão de Outono, em Paris, se depara inopinadamente, como nestes últimos anos tem sucedido, com uma obra de alto valor artístico, numa associação harmónica de estilos incaracterísticos, inspirados em variadas escolas da antiguidade, é-se fatalmente tomado de assombro ao saber que essa obra foi executada por um humilde mineiro que, sem nunca ter aprendido desenho, delineou, em traços vigorosos, num estado de passividade, trabalho de tamanho vulto. Esse facto insólito não pode deixar de determinar as mais diversas conjecturas, entre as quais há-de, necessariamente, avultar a explicação que o protagonista de tão notável trabalho afirma categoricamente ser a única, a verdadeira: a utilização do seu braço por espíritos desencarnados que o fazem mover a seu bel

prazer, mantendo-se êle, na plena posse da sua consciência normal, alheio a tão admiráveis produções.

Todas as manifestações do automatismo psicográfico, nas várias modalidades (escrita, desenho, pintura, etc.) são altamente demonstrativas duma causa inteligente extrínseca ao sêr que directamente as produz, especialmente quando elas revestem um *modus faciendi* característico, *sui generis*, de individualidades desaparecidas do número dos vivos.

Por maior amplitude que queira dar-se ao subconsciente, as teorias sôbre êle architectadas são sempre insuficientes e precárias, justificando amplamente a afirmação do illustre metapsiquista alemão, professor de filosofia da Universidade de Leipzig, o Dr. Hans Driesch, que « *a hipótese espírita é a menos artificial e a mais legítima e lógica de todas as hipóteses, não comportando, em si mesma, nenhuma contradição.* »

Em todo o caso, bastava o facto dêsse indivíduo exhibir faculdades artísticas que não tinham sido adquiridas pelo estudo e aplicação, na sua actual existência, para se pressupor que, não havendo a mais leve anterioridade artística na sua família, êle fôsse bebê-las a uma fonte ignorada de conhecimentos, em virtude duma liberdade de certos elementos constitutivos da sua personalidade — que nós designaremos por princípios espirituais — alheia às possibilidades clássicas da psicologia normal e necessariamente independentes do corpo físico material.

Aí temos nós a primeira premissa espiritualista que, racionalmente estudada, poderia levar a uma outra conclusão, não menos interessante, qual é a da preexistência espiritual dêsse indivíduo em condições de ter podido adquirir os conhecimentos que ora revela. Seria uma ilação reincarnacionista, igualmente em perfeito acôrdo com as teorias espíritas.

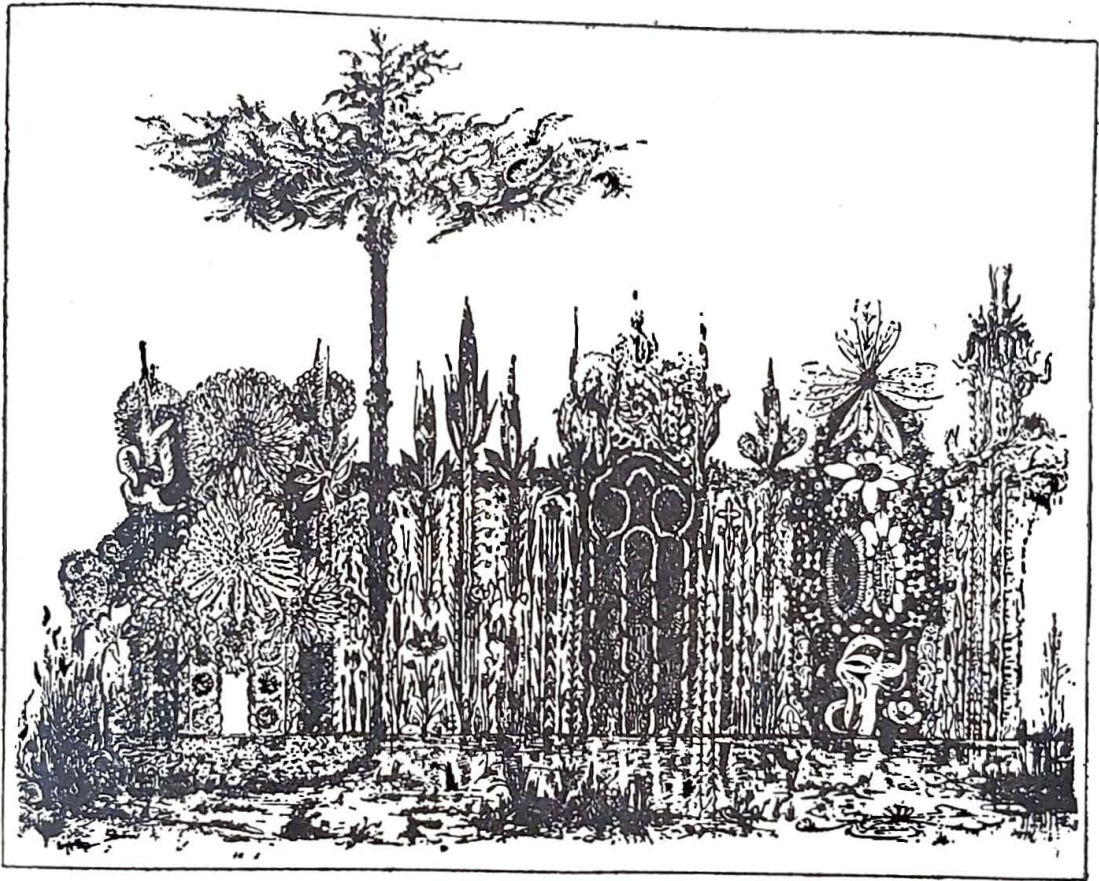
Não se julgue, porém, que as mediunidades célebres de desenho e pintura, em que tanto se tem falado ultimamente, só modernamente se tenham registado. Na aurora do movimento espiritualista, aí por 1855, ela revelou-se dum modo notável num dos escritores que mais illustrou a França: — Victorien Sardou.

Atraído para os fenómenos supranormais desde a eclosão das primeiras manifestações espíritas, teve em si próprio os elementos necessários para a confirmação da existência dos referidos fenómenos, em várias das suas modalidades. Por seu intermédio produziram-se materializações e *apports*, um dos quais, um formosíssimo ramo de rosas brancas, que êle conservou durante longos anos até se tornar em pó. O seu belo livro « *Spiritisme* », publicado em 1897, mereceu os mais rasgados elogios de críticos eruditos como H. Fouquier e Mac Kenty e obteve um successo formidável a-pesar-de condenado pela Cúria Romana. A esta condenação, respondeu Sardou: « *A Igreja tem contra ela e eu tenho a meu favor os maiores filósofos, os maiores sábios e os maiores pensadores.* . . » A sua notável mediunidade psicográfica tomou, em certa altura, uma feição quasi exclusivamente artística, durante a qual produziu numerosos desenhos, alguns dos quais reproduzimos.

E' interessante o modo como esta mediunidade se desenvolveu em Victorien Sardou. Eis as suas próprias impressões:

« A minha mão não me pertencia; obedecia a uma influência estranha que se dizia ser o espírito de Bernardo Palissy. Um dia, perto das 2 horas, sentei-me à secretária, como habitualmente, tendo posto diante de mim uma fôlha de papel de dimensões ordinárias. Em vez de desenhar, a pena, obedecendo a um impulso da minha mão, traçou bruscamente uma linha oblíqua em todo o comprimento do papel, inutilizando-o. Intrigado, interroguei Bernardo Palissy, pelo processo habitual e recebi esta resposta lacónica: *Papel muito pequeno*. Procurei uma fôlha de papel maior mas ela foi de novo inutilizada pelo espírito que, consultado, repetiu: *Muito pequeno*. Observando-lhe que não tinha papel maior êle respondeu-me: *Vai comprá-lo*. Eu repliquei que estava chovendo e que a casa donde eu gastava o papel era distante. A sua resposta foi: *Vai à Praça de Saint-André-des-Arts*.

Não me recordando de haver nenhuma papelaria nessa praça, fui advertido enèrgicamente pelo espírito que escreveu: *Sim, existe uma. Há lá uma.* Muito intrigado puz o chapéu e saí. Percorri a praça inútilmente e quando me vinha embora, aborrecido por ter sido enganado pelo espírito, vi por acaso uma taboleta que dizia: *Venda de papel por atacado.* Entrei na casa e verifiquei, com surpresa, que o armazém tinha papel de todos os tamanhos imagináveis. Comprei o que precisava e fui para casa. Logo que coloquei a ponta do lápis sôbre o papel, a minha mão escreveu ràpidamente: *Viste que eu tinha razão!* »



Desenho medianímico, obtido pelo insigne escritor francês Victorien Sardou

Esta narração, feita pelo próprio médium, que, em plena posse da sua consciência, é simultâneamente accionado por uma personalidade segunda, com as suas características individuais perfeitamente definidas, esclarece, suficientemente, o mecanismo do fenómeno. As declarações de Victorien Sardou, cujo nome lhe impõe responsabilidades, são, além disso, inteiramente concordantes, com outras análogas, feitas por indivíduos obscuros, como o mineiro Agostinho Lesage a que já aludimos, e de que nos ocuparemos num próximo artigo, reproduzindo alguns dos seus quadros admiráveis.

E' nossa intenção apresentar sucessivamente aos leitores desta revista a reprodução de alguns dos trabalhos mais interessantes de vários médiuns pintores e, entre êles, do prof. Luigi Bellotti, que teve a gentil deferência de mandar fotografar, expressamente para esta Revista, alguns dos seus melhores desenhos. Sucessivamente publicaremos quadros e desenhos de M. Gruzewski, M.^{me} Assmann e do médium português, sr. Isidoro Duarte Santos.

Impressões dos Congressos Antroposóficos ingleses de 1927 e 1928

Por iniciativa do grupo inglês da Sociedade Antroposófica reuniu-se o ano passado, em Shandon, na Escócia, um Congresso para apresentação de alguns dos assuntos de que a mesma Sociedade se ocupa. Com a intenção feliz de provocar a aproximação dos vários sócios dos diferentes países, a organização do Congresso foi planeada por forma que os 150 congressistas puderam ficar todos alojados num único hotel, com todo o conforto material, e primorosamente situado em plena paisagem romântica, nas margens dum Loch escocês (o Gareloch), com facilidades para estar em plena cidade de Glasgow em pouco tempo e oportunidades para realizar passeios encantadores aos clássicos e lindíssimos lagos escoceses, especialmente ao Loch Long, ao Loch Lomond e Loch Katrine, os mais célebres e conhecidos de todos.

No meio duma paisagem sonhadora, rodeados pela atmosfera misteriosa e encantadora daquela região, mergulhados num ambiente de tradições célticas, apresentaram-nos a Antroposofia em variadíssimos dos seus aspectos, mas com uma nota comum de elevação, de suavidade contemplativa, de meditação, que nos fez viver duas encantadoras semanas paradisíacas. Terminou o Congresso por uma excursão em comum à Ilha de Iona, cheia da recordação viva de antigos Mistérios e à célebre Gruta de Fingall, maravilhosa catedral marinha improvisada pela Natureza segundo os acasos da cristalização de formidáveis prismas de basalto. Esta excursão foi feita num dia de bruma, daquela bruma nórdica acinzentada e estranha, onde há uma grande, uma difusa luminosidade, enchendo a paisagem duma luz diáfana, vinda misteriosamente não se sabe donde, luz que enche tôda a natureza de tonalidades fluidas, vagos esboços de côr numa harmonia cinzenta de pérola. A bordo do barco onde fizemos a excursão, um velho instrumento de cordas, uma cítara de feitio arcaico — a «dulcimer» — tocava-nos antigas canções das ilhas Hébridas. Foi esta a atmosfera em que decorreu êste Congresso. Cimentaram-se amizades, criou-se o contacto entre indivíduos de várias nacionalidades, que puderam vibrar intensamente em ressonância num Ideal comum de elevação e de pureza. Falou-se alguma coisa da vida contemporânea e muito dos antigos Mistérios. A obra de Steiner apareceu-nos espiritualizada, na sua aspiração máxima de Ideal supra-terreno.

Este ano, o mesmo grupo inglês promoveu um segundo Congresso em Londres, no meio do bulício formidável da maior cidade do mundo, Congresso que, dentro do verdadeiro pensamento de Steiner, foi apenas a seqüência lógica do Congresso da Escócia. A sua finalidade foi integralmente definida no título com que se apresentou: — *Conferência mundial sobre Ciência Espiritual e suas aplicações práticas para o bem-estar da Humanidade*. Subindo acima dos critérios estreitamente nacionalistas, a missão da Antroposofia, demonstrada no Congresso de Londres, tende a elevar tôda a Humanidade a um nível de Espiritualidade superior, sem distinção de países ou de raças. Ciência espiritual (Geisteswissenschaft) é um dos nomes que Steiner deu às suas doutrinas, mostrando bem que entende aplicar à investigação e ao estudo dos fenómenos do mundo espiritual o método e a men-

talidade científicas, com tudo o que êsse método e essa mentalidade tem de claro, de cuidadoso e de útil.

Ora a nossa missão de homens cumpre-se no nosso planeta. Bom ou mau, é nele que temos de viver, de lutar pelo nosso aperfeiçoamento, de pugnar pelo bem-estar e pela elevação moral dos nossos semelhantes. A vida tem de ser encarada de frente, tal como ela se nos apresenta, no terra-a-terra de todos os dias. Assim, o valor dum método novo de Ciência Espiritual mede-se, em grande parte, pela soma de utilizações proveitosas que êsse método possa trazer para a vida concreta e banal que aqui vivemos. Por isso os ingleses (ou êles não fôsem ingleses) depois de terem realizado o Congresso idealista do ano passado, marcaram fundamentalmente no título dêste a intenção de demonstrar ao público o valor directo, immediato, *prático*, da Ciência Espiritual. Ora a sciência prática habitual, porém, procura muitas vezes realizar determinados progressos, que, sem trazerem utilidade geral, apenas servem para angariar riquezas a um ou outro indivíduo. Não é êste, porém, por forma nenhuma, o fito da Ciência Espiritual. Ele tem como missão um desenvolvimento, uma melhoria geral de todo o mundo. Isso mesmo se acentuou no final do título do Congresso de Londres.

O que foi êste Congresso, quais os assuntos que ali se debateram, já o mencionámos num artigo recentemente publicado, — *Rudolf Steiner e a Antroposofia — O Congresso de Londres* — in «Diário de Notícias» — Lisboa — 20 de Setembro de 1928 — do qual transcreveremos a relação sumária dos pontos concretos que lá foram versados.

«As conferências trataram da figura de Steiner e das directrizes gerais do movimento antroposófico, mostraram-nos êste movimento nas suas relações com as tendências filosóficas actuais, mostraram os aspectos das civilizações orientais e ocidentais e suas relações recíprocas, bem como a atitude do movimento antroposófico perante elas.

Num dia dedicado à medicina, foi-nos feita uma exposição geral das directrizes de Steiner na terapêutica, falaram-nos sôbre alguns pontos de embriologia, sôbre novos métodos de tratamento dos tumores malignos, sôbre o estado de vigília, o sono e o sonho, etc.

Houve um dia dedicado à arte, em que se mostraram as novas tendências orientadas por Steiner a tal respeito.

O dia dedicado às Ciências Naturais foi muito especialmente interessante. Numa série formidável de experiências mostraram-nos um estudo interessantíssimo sôbre as forças formativas da natureza, experiências em que se realizaram cristalizações de sais de cobre, por exemplo, e se levaram êsses sais a dispôr-se em formas de carácter vegetal, sob determinados impulsos obtidos por meio de doses homœopáticas de certas plantas. Numa outra série de experiências de cristalizações, realizadas à razão de uma experiência por hora, durante quatro meses, sem interrupção, obtiveram-se determinados aspectos que apareceram, precisamente, três a quatro horas antes de se dar em qualquer ponto da Europa um tremor de terra. Além de uma exposição doutrinária sôbre a terra, considerada como um organismo, houve, nesse dia ainda, uma conferência interessantíssima, em que nos fizeram a demonstração da acção dos planetas sôbre substâncias terrestres, verificada por experiências laboratoriais e documentada com uma série lindíssima de projecções, que eram, afinal, verdadeiros quadros de maravilhosas côres.

Num outro dia falaram-nos sôbre História. A Antroposofia permite dar novas orientações à investigação histórica (o que nos proporciona, seja dito de passagem, indicações do mais extraordinário interêsse sôbre a missão histórica portuguesa, por exemplo) e foram alguns dos resultados colhidos nessas investigações que ali nos foram expostos.

Sôbre Economia Política e Ciências Sociais deu Steiner indicações do maior alcance. Fundou-se na Alemanha um movimento tendente a fazer a propaganda dêsses pontos de vista, que poderiam vir a resolver a terrível crise social dos tempos presentes. E' essa parte da obra de Steiner uma das mais importantes, das mais vastas, mas, certamente a mais difícil de levar à realização prática. Sôbre êste assunto apenas nos puderam fazer exposições doutrinárias, pois não há tempo ainda para falar em resultados concretos.

Outro tanto não acontece com a agricultura, onde, ao fim de quatro anos de trabalho experimental, os resultados colhidos já confirmam, da forma mais brilhante, as afirmações de Steiner. Foram êsses resultados apresentados agora pela primeira vez em público, apoiados com dados estatísticos, análises, experiências laboratoriais, etc., do mais espantoso interêsse. Os trabalhos foram feitos, sobretudo na Alemanha, numas propriedades onde existia uma

exploração agrícola modelar, por forma tal que puderam ser comparados os resultados actuais com os que se obtinham nas melhores condições da agricultura moderna.

Verificou-se que os métodos de Steiner eram susceptíveis de criar um aumento da produção quantitativa (cêrca de 5 a 10 por cento) em relação ao emprêgo dos adubos químicos, acarretando apenas um têrço da despesa que se teria com estes adubos. A maior diferença nota-se na qualidade dos produtos, que são produtos verdadeiramente naturais, preferidos pelos animais e mais saudáveis para o homem. Finalmente, o solo tratado por êsses processos, em vez de empobrecer, enriquece espontâneamente.

Falaram-nos sôbre os problemas que interessam a juventude, a qual por tôda a parte sente a necessidade de enveredar por uma nova orientação construtiva, em vista da crise aguda por que está passando a nossa civilização actual. Expuseram-nos as directrizes terapêuticas da Eurytmia e do novo método do ensino de canto aplicado directamente para tratamentos. Finalmente falaram-nos com uma elevação espiritual de uma infinita grandeza sôbre as necessidades da vida religiosa do nosso tempo, sôbre os conflitos interiores que hoje todos mais ou menos sentimos a tal respeito, de como existe por tôda a parte uma aspiração intensa para um equilíbrio íntimo sob o ponto de vista religioso e como essa aspiração encontra na obra de Steiner, a tal respeito, uma solução perfeita. A figura sublime de Cristo é o núcleo basilar em tôrno do qual tôda a Antroposofia se organiza — numa síntese admirável que agrupa e ordena numa perfeita harmonia Arte, Sciência e Religião.»

De facto, assistindo uma a uma às várias conferências, acompanhando pormenorizadamente as várias exposições, falando com um e outro sôbre os assuntos das suas especialidades, ia a pouco e pouco formando-se no nosso espírito o quadro sintético da orientação antroposófica aplicada aos vários ramos do saber humano. A pouco e pouco, vamos elevar-se em linhas harmoniosas êsse edificio gigantesco que é a Antroposofia, como uma catedral infinitamente grande que abrange em si harmônicamente tôda a actividade humana, tôda a evolução dos mundos, todo o edificio universal no espaço e no tempo. Como se contemplássemos realmente uma construção ciclópica, o nosso olhar só conseguira abranger ao princípio uma coluna bem lançada, ou as côres dum vitral inspiradamente artístico. A pouco e pouco, porém, íamos vendo que êsses vários elementos architectónicos fazem parte dum conjunto enormemente grande e que, se cada um dêsses elementos é admirável, na pujança do seu desenvolvimento próprio, mais belo se torna ainda quando vemos a harmonia com que se equilibra relativamente aos outros elementos da construção enorme. Realmente, se o que nos atrai ao princípio na Antroposofia é o interêsse que ela vem dar ao estudo da medicina, da pedagogia ou da agricultura, por exemplo, o que nos dá depois a medida da sua formidável envergadura é o poder de síntese em que ela engloba harmônicamente a Sciência (tôda a Sciência), a Arte e a Religião. Realizou êste Congresso uma grande aspiração de Steiner. Foi êle próprio que em tempos mostrou a enorme importância que tinha a realização duma conferência desta ordem precisamente em Londres, no meio do bulício da vida moderna, agitada, febril, caracteristicamente europeia da maior cidade do mundo. O Congresso do ano passado em Shandon foi uma amostra de vida paradisíaca, encantadora, mas artificial. Vivemos duas semanas de felicidade, mas duma felicidade quási egoísta, alheada das realidades imediatas, das lutas, dos sofrimentos da Humanidade. Esse Congresso fez-nos tomar contacto uns com os outros, fez-nos sentir a grandeza e a beleza ideal dos princípios que defendemos e preparou-nos, enchendo-nos de fôrça, para o verdadeiro Congresso — o dêste ano.

A missão da Antroposofia seria precária se aspirasse apenas a criar um paraíso artificial, um sonho voluptuoso de haxixe para meia dúzia de iniciados. A acção da Antroposofia é outra — ela tem uma missão a cumprir neste planeta, na vida de todos os dias e era necessário demonstrá-la. Era preciso colocar a Sociedade Antroposófica em contacto directo com a agitação brilhante da civilização actual. Era indispensável reunir os seus membros no meio dos auto-omnibus, na capital da hulha, em pleno cruzamento

de ondas hertzianas, no empório da navegação mundial, no ponto onde se encontram todas as correntes comerciais do mundo e aí, em contacto consciente com a civilização moderna no seu expoente máximo, mostrar-lhe bem que o seu esforço gigantesco é um esbravejar vazio de sentido, se não tiver a orientá-lo a rajada duma Ciência Espiritual vivificante e pura.

Recordo-me do final desolado duma canção de Duparc, feita sôbre uns versos de François Coppée:

Pourquoi n'as-tu pas dit, ô rêve, où Dieu nous mène ?
 Pourquoi n'as-tu pas dit s'ils ne finiraient pas
 L'inutile travail et l'éternel fracas
 Dont est faite la vie, hélas, la vie humaine ?...

Esta interrogação, cada vez mais ansiosa, esta pergunta, cada vez mais desesperada, define bem a atitude daqueles que olham para a furiosa actividade da civilização actual, cada vez mais intensa, e não lhe compreendem a mais pequena sombra de finalidade. Era preciso fazer ressoar no meio da cidade-finança, da cidade-indústria, da cidade-comércio, da cidade-século XX, a resposta profunda, a resposta integral à formidável interrogação angustiosa que essa cidade-gigantesca em si mesma comporta. Foi esta a principal missão do Congresso de Londres, a sua principal finalidade, a sua razão de ser mais profunda — e por isso mesmo, o seu aspecto de utilidade mais *prática*. Porque a Antroposofia de Rudolf Steiner, ao traçar-nos o quadro formidável da evolução geral da Humanidade, mostra-nos bem as suas grandes directrizes, explica-nos os movimentos profundos que se passam no seu seio, orienta-nos no meio dos inúmeros pormenores, mostrando-nos a lógica condutora dos seus destinos.

A Vida adquire para nós um sentido, uma razão de ser, um interêsse superior. Vemos em tórno de nós uma decadência brilhante a debater-se corajosamente para defender os tesouros colossais duma civilização espantosa, mas vemos que êsses esforços a aproximam cada vez mais da derrocada eminente. O caos toma, porém, um sentido claro quando o contemplamos à luz da Antroposofia. E esta mostra-nos, surgindo luminosamente da vertente sombria em que a civilização resvala, a directriz ascensional capaz de encaminhar a Humanidade na sua marcha para o futuro.

Tudo isto é impossível de apresentar num simples artigo. Fizera-me em tempos afirmações igualmente ousadas que me aguçaram a curiosidade para ler e meditar obras de Steiner. Com o tempo vim a verificar, por mim próprio, que tinham razão e não exageravam os que me entusiasmaram para essas leituras. Seja êste artigo um incentivo semelhante, embora para um leitor apenas — e terá êle cumprido já largamente a sua missão.

Lisboa — Novembro de 1928.

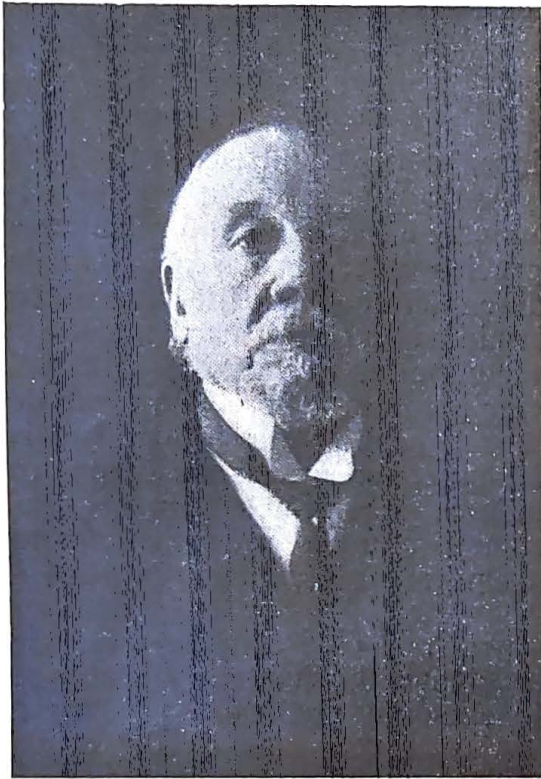
CARLOS SANTOS, FILHO

Dr. Carlos Santos, filho

Inicia hoje a sua brilhante colaboração nesta Revista, o sr. Dr. Carlos Santos, filho, ilustre médico radiologista que assistiu aos dois Congressos Antroposóficos de 1927 e 1928, para que foram convidados os vultos mais eminentes da medicina contemporânea e teve a gentileza de nos enviar as suas *Impressões* sôbre estes interessantes Congressos. Desejosos de apresentar aos nossos leitores os diferentes aspectos do grande movimento espiritualista contemporâneo, regosijamo-nos com a feliz oportunidade que êste belo artigo nos oferece.

INQUÉRITO

V



M. LÉON CHEVREUIL

Presidente da « Union Spirite Française »

Publicamos hoje mais um importante depoimento sobre o inquérito que a « Revista de Espiritismo » está fazendo entre os vultos mais eminentes do Espiritismo contemporâneo.

Vai falar aos nossos leitores o ilustre escritor francês M. Léon Chevreuil, Presidente da « Union Spirite Française » que, vencido pela eloqüência dominadora dos factos, reconheceu a realidade do Espiritismo, tornando-se um dos seus mais fervorosos e devotados propagandistas. É o consagrado autor da excelente obra « On ne meurt pas » coroada pela Academia das Ciências e em que mostra como são sólidos os alicerces científicos do Espiritismo. Em outra obra « Le Spiritisme dans l'Eglise », salienta, aquele ilustre escritor, a influência benéfica que o Espiritismo pode exercer nas crenças religiosas dos indivíduos dando-lhes bases experimentais, positivas, e libertando-as de falsos preconceitos.

Como me tornei espírita

A « *Revista de Espiritismo* » teve a gentileza de me perguntar como cheguei ao Espiritismo e qual é a minha opinião sobre o seu futuro.

Como muitos daqueles que vi chegar aos nossos estudos, eu tinha sido, em certa época da minha vida, perfeitamente incrédulo, zombando do Espiritismo, de que nada conhecia.

Procurando nas minhas recordações da infância, creio lembrar-me de que todo o ensino religioso que recebi, podia resumir-se nisto: — Nunca reflectir, apenas a tradição podendo ensinar-nos a verdade, e devendo a Santa Virtude da obediência pôr-nos ao abrigo da cólera divina. Nestas condições eu formava de Deus uma imagem terrível, porque, como há um pequenino número de eleitos, eu não via nele senão o eterno carrasco da maior parte dos homens. Como a reflexão vem com a idade, não se conservam estas idéas quando crescemos. Então procurei por tôda a parte e, não tendo encontrado nem na Sciência, nem na filosofia, nem em religião alguma uma explicação satisfatória dos grandes problemas da Vida, caí, como muitos outros, na indiferença e no agnosticismo.

O Espiritismo de que pouco ouvia falar, nunca excitou a minha curiosidade, porque tinha a convicção de que nenhum fenómeno havia existido a não ser na imaginação daqueles que precisavam de crêr. Foi somente muito mais tarde, depois dos cinqüenta anos, que cedi, por acaso, à curiosidade de vêr uma sessão de mesa. Não foi entre espíritas, mas como simples recreação familiar que isso succedeu; e o fenómeno foi tão nítido, tão evidente, posto que puramente físico, que não podia deixar-me indiferente. Compreendi imediatamente a importância dum facto que continha uma revelação, que muitos mal compreendem, e resolvi-me a estudar. Continuei a experiência, nos dias seguintes, com amigos íntimos, a quem tinha comunicado a minha descoberta. E então a intervenção duma inteligência tornou-se evidente e fiquei chocado pelas conseqüências. Era uma cousa desconhecida e portanto um problema novo a resolver. Havia factos; e portanto uma possibilidade de estudos apoiados sôbre bases objectivas.

Alguns dias depois, passeando nos cais, a minha atenção foi atraída para um livro que se destacava do renque alinhado no chão — *La Survie*. — Interessou-me, e como o autor tinha nele a morada, Rua Milton, 8, corri aí imediatamente. Encontrei-me numa sala onde M.^{me} Neggeratti, cognominada a «boa mamã dos espíritas», recebia pessoas notáveis. Vi aí Hugo d'Alesi, o Dr. Chazarin; tomei conhecimento da doutrina de Allan Kardec e foi esta a minha primeira iniciação.

Com o corpo espiritual e a doutrina das reencarnações, encontrei, senão uma certeza científica, pelo menos uma solução compreensível, a única que não se me apresentava absurda. A alma nunca está nua; e a reencarnação explica a evolução progressiva. Tive depois a prova experimental d'estes dois pontos fundamentais.

O estudo das sciências chamadas positivas não me permitiu descobrir cousa alguma que se opusesse a estas crenças, enquanto os factos de que fui testemunha são a ruina das velhas doutrinas. Mas a minha maior surpresa foi saber que a sciência tinha já confirmado a realidade de todos estes fenómenos e que, em todos os países, sábios illustres os tinham verificado e comprovado. E' isto que eu me esforcei por pôr ao alcance de todas as inteligências no meu livro «*On ne meurt pas*» ⁽¹⁾ traduzido em várias línguas; e, por outro lado, em «*Le Spiritisme dans l'Eglise*» mostrei como os milagres dos santos estão relacionados estreitamente com a mediunidade. Com efeito *apports*, desdobramentos, ectoplasmas, pancadas, mediunidade visual, falante, auditiva, telepatia, automatismos e aparições, todos os fenómenos espiritistas se encontram, na sua totalidade, na história dos Santos; sem contar as manifestações das almas do purgatório, que, tomadas tal como no-las referem os *Anais Religiosos*, constituem manifestações *post-mortem* e notáveis provas de identidade.

* * *

O que eu penso do Espiritismo é que êle é o início dum movimento filosófico e religioso, partindo dum ponto de vista positivo e inteiramente novo. E' a forma indispensável à nossa época de *snobismo* científico para reduzir ao silêncio o materialismo e para modificar certas impiedades da teologia dogmática. Quando tivermos sido melhor compreendidos, Deus deixará de ser como um homem irritado que se vinga por meio de suplicios, mas será a fôrça inicial que cria eternamente e para a qual a vida sobe. Pode, por analogia, ser comparado com o sol que faz germinar as plantas. Sob a sua influência a alma humana há de florescer, mas a germinação é lenta.

(1) *No Morimos*.— Aguilar, editor, Madrid.

E' preciso que a sciência reconheça o dinamismo da alma provado por factos, para explicar a organização vital, a edificação successiva das espécies e a conservação da personalidade. Reconhecerá no futuro que não existe o que se chama o *sexto sentido*; o que existe é a nossa consciência central informada pelos cinco sentidos. Estes não teem especificidade alguma; são apenas detectores. Quando o Espiritismo nada mais fizesse do que provar que a alma é uma entidade consciente e dinâmica, uma fôrça, êle teria realizado o mais belo progresso que o Ideal humano possa esperar, o de explicar Deus pelas suas obras. Porque o dinamismo psíquico da alma é forçosamente da mesma essência que o dinamismo psíquico universal, isto é, Deus consciente também, visto que a alma é consciente.

L. CHEVREUIL

CRÓNICA ESTRANGEIRA

Um médium de 19 meses — Segundo conta a «*Revue Spirite Belge*» o sr. Ponerides, delegado grego ao Congresso Espírita Internacional, realizado em Londres de 7 a 13 de Setembro último, relatou ao «*Petit Journal*» um caso extraordinário, passado com uma criança de 19 meses, em que as faculdades mediúnicas, extremamente desenvolvidas, lhe permitiam descrever e explicar a natureza dos espíritos com os quais está em contacto, falando de acontecimentos ocorridos durante a guerra, muito anteriores, portanto, ao seu nascimento. Esta criancinha, falecida aos 26 meses, pediu instantaneamente à mãe, pouco antes de morrer que não lamentasse a sua perda porque era apenas uma separação, dizendo ao mesmo tempo que ouvia vozes que a chamavam. Tendo mais tarde o pai tentado comunicar com o espírito da sua filhinha, recebeu uma comunicação, aconselhando-o a não prosseguir nas suas tentativas.

Este facto confirma, pois, em absoluto, a afirmação de que a primeira infância é o período da existência terrena que está em contacto mais estreito com o mundo espiritual, provando ao mesmo tempo que, em certos casos, a-pesar-do nosso intenso desejo, não podemos comunicar com um determinado espírito.

Um novo médium desenhador — A mesma revista conta, com pormenores interessantes, a eclosão da mediunidade do sr. Miquel, cujos trabalhos artísticos já foram, em parte, expostos no Museu Espírita, instalado na livraria psíquica de sir Arthur Conan Doyle, em Londres. E' devido à influência dum rico proprietário de Beziers, falecido há cêrca de 3 anos e que em vida era um verdadeiro artista e nutria uma arrebatadora paixão pelo desenho e pintura, deixando a sua obra incompleta, que este médium produz os seus notáveis trabalhos.

Os quadros dêste médium foram expostos no Congresso de Londres e em seguida em França onde causaram o mais legítimo assombro.

Factos extraordinários ocorridos em Millésimo — O grande mestre Ernesto Bozzano, tem continuado a publicar em várias revistas espíritas e em especial na «*Luce e Ombra*» de Roma, o relatório das sessões de voz directa realizadas no Castelo Millésimo, em que as faculdades mediúnicas do seu proprietário, o Marquês Carlos Centurione Scotti, tem dado origem aos fenómenos mais extraordinários. Agora o ilustre escritor C. de Vesme, publica na «*Psychica*» uma carta interessantíssima em que são dados a público transcendentos fenómenos inéditos ali ocorridos.

Numa das últimas sessões, o Marquês, depois de ter sido levitado no seu fauteuil, permanecendo no ar sem apoio visível, teve, como M.^{me} d'Esperance, Mirabelli e outros médiuns célebres, as pernas desmaterializadas, desaparecendo em seguida. Os assistentes, muito inquietos não vendo o Marquês, chamaram por êle insistentemente sem obterem resposta, tendo a Marquesa, no auge da aflicção, desmaiado. Acendendo a luz verificou-se que as portas estavam hermêticamente fechadas como ao iniciar a sessão. Uma senhora americana, dotada de mediunidade psicográfica automática, que estava entre os assistentes, foi sollicitada a escrever, tendo os espíritos anunciado, por intermédio da sua mão, que o Marquês

estava bem e se encontrava a um canto da cavalaria. Correndo todos em sua procura, depois de terem por muito tempo procurado a chave da cavalaria que se encontrava fechada, foram encontrar o Marquês estendido na mangedoura, adormecido. Aos gritos dos seus amigos despertou sobressaltado, tendo ficado muito indisposto.

A qualidade das pessoas que intervieram nesta memorável sessão põe esta narração ao abrigo de toda a suspeita fraudulenta pois os marqueses são da mais nobre estirpe, teem uma grande fortuna e são extremamente considerados na primeira sociedade genovesa.

Novas experiências duma clarividente — A «*Psychica*» diz que o *Centro de Investigações Parapsíquicas* de Paris vai encetar na sala Parthenon experiências psicométricas em várias sessões públicas com uma notável clarividente, M.^{me} Loní Feignez, que já deu as suas provas em várias experiências, entre as quais, como muito interessante, narremos a seguinte:

Ao contacto duma carta que o sr. Raymond Poincaré escreveu a um autor para lhe agradecer um livro, encerrada num envelope fechado, esta notável vidente, que ignorava totalmente o seu conteúdo e a pessoa de quem se tratava, fez, em 1914, as seguintes revelações:

«Homem de estatura média, rosto côrdo e redondo, cabelo castanho. E' pensativo, reflecte muito antes de responder. Quando se lhe fala está atento e responde sempre amavelmente. E' bom. E' chamado para uma mudança de situação *muito elevada*. Parece ser falado em dois partidos; o seu é mais forte e tem muito mais vozes que o adverso. A mudança de situação levá-lo há a uma mudança de residência. Vejo duas mudanças espaçadas por dois anos aproximadamente (o que deve corresponder à Presidência do Ministério e Presidência da República). Na primeira mudança teve dificuldade. Parece-me que não queria. A situação actual durará 6 ou 7 anos, pois parece-me fazer uma troca, retomar uma situação equivalente. Esta pessoa deve pertencer à política; lutou para chegar ao que é. Tem um espirito dominador e impõe as suas condições. Grande intellectualidade, muita justiça. Tem a presciência das coisas. A carta não contém mais que algumas linhas escritas à pressa, como quem deseja desembaraçar-se dum dever qualquer.»

Todas as sensações do médium correspondem absolutamente à realidade, embora algumas delas fôsem manifestações de clarividência no futuro. E' de esperar que as novas experiências venham confirmar tão notáveis faculdades, proporcionando aos sócios do «*Centro de Investigações Parapsíquicas*» as mais convincentes provas da mediunidade subjectiva.

Várias mensagens do aviador Hinchliffe — A «*International Psychic Gazette*» de Dezembro último, conta no seu artigo de fundo que a viuva dêste infeliz aviador, que desapareceu com o seu aparelho ao tentar a travessia do Atlântico, desejando manifestar a sua conversão ao Espiritismo em virtude das imensas provas de comunicação obtidas por meio de vários médiuns, fez as suas declarações públicas no centro espirita fundado por W. Stead que foi, ao que parece, quem conduziu Hinchliffe aos médiuns que lhe permitiram manifestar-se. Como é sabido, William Stead também morreu afogado no Atlântico, vitimado pelo pavoroso naufrágio do «Titanic».

A viuva ainda contava que o marido tivesse sido recolhido por algum navio e se encontrasse vivo, quando recebeu, por intermédio de Miss Earl, a primeira mensagem reveladora da continuação da vida do marido num outro plano de existência. A primeira manifestação de Hinchliffe que Miss Earl obteve foi a 31 de Março. Escreveu com a prancheta o seguinte: «Pode ajudar um homem que era cego?» O médium perguntou: «Quem sois vós?» O espirito parecia ter alguma dificuldade em dizer o seu nome, dizendo a seguir: «Tempestade! Vento! Precipitei-me de grande altura». «Onde?» — pergunta de novo o médium. «Nas ilhas Lecward». Na mensagem seguinte, a 11 de Abril, o espirito disse logo: «Hinchliffe. Dizei a minha mulher que desejo falar-lhe.» O médium perguntou: «Onde poderei encontrá-la?» A resposta foi: «Escrevei para a sua casa e se a carta não chegar ao seu destino, escrevei ao cuidado do sr. Hammet, High Street, Croydon.» Este nome era dum solicitador muito conhecido que tinha guiado durante dois anos os negócios do capitão Hinchliffe. No dia seguinte, uma nova mensagem de Hinchliffe insistia no pedido de prevenir a esposa da necessidade que elle tinha de lhe falar, dando miss Earl cumprimento ao pedido que lhe era feito, com grande satisfação do espirito, que lhe agradeceu, reconhecido, a atenção.

A viuva recebeu por sua vez dum outro médium uma comunicação semelhante, a ela dirigida por sir Conan Doyle, que lhe perguntava se, como o espirito afirmava, ella não era inglesa. Como êsse pormenor, ignorado de toda a gente, era inteiramente verdadeiro, e elle tinha sido dito por uma pessoa de notória reputação que a desconhecia, a sr.^a Hinchliffe começou estudando o espiritismo com o maior interesse, a-pesar-de até ai não acreditar na continuação da vida para além da morte, identificando-se nesse ponto com o falecido aviador. As experiências realizadas com o médium de transe, Mrs. Garrett, deixaram-na, porém, inteiramente convencida de que só Hinchliffe poderia dizer-lhe o que ouvia pela boca do médium, com pormenores só de ambos conhecidos.

Os casos de identificação espírita são tão extraordinariamente numerosos em Inglaterra e, dum modo geral, em todos os países do norte, em vista dos numerosos e excelentes médiuns que possuem, que o caso referido não passa duma quasi vulgaridade. O nome do personagem de que se trata é que lhe dá maior notoriedade. Porém, para nós, que infelizmente só com raridade obtemos casos tão probativos, merecem ser divulgadas todas as manifestações incontrovertidas de espíritos desencarnados.

Um caso notável de fotografia psíquica — A mesma revista narra que, promovida pelo «*Edinburgh Psychic Research Centre*», se realizou a comemoração do armistício no domingo, 11 de Novembro, na New Gallery, 12 Shandwick Place. Notando-se um grande poder psíquico, o presidente, sr. Falconer, médium fotógrafo, tirou, durante os dois minutos de silêncio a interessantíssima fotografia que reproduzimos, onde se vêem 15 soldados,



Fotografia psíquica tirada no Centro de Investigações Psíquicas de Edimburgo no dia da comemoração do armistício durante os dois minutos de silêncio. Vários soldados escoceses mortos foram reconhecidos.

(Da «*International Psychic Gazette*»)

alguns dos quais foram reconhecidos pelos [assistentes] e descritos pelos clarividentes. Durante esta cerimónia manifestaram-se por incorporação vários soldados, um dos quais pronunciou um discurso enaltecendo a missão do Espiritismo e formulando os seus votos por que não volte a haver outra guerra e a paz seja um facto e pedindo aos presentes que se não esqueçam dos soldados que tanto sofreram na guerra. O coronel Moore-Nisbet manifestou-se também e uma clarividente verificou a presença dos espíritos que se manifestaram, dos espíritos fotografados e de muitos outros, entre os quais Lord Kitchner. A sala estava lindamente decorada com bandeiras e flores, tendo-se cantado vários hinos.

Estas inúmeras provas de sobrevivência da alma é que tem determinado a expansão tão intensa do Espiritismo em Inglaterra que conta cerca de 500 sociedades espíritas com muitas centenas de milhar de adeptos.

Interessante prenúncio de morte — A «*Light*» transcreve do «*Daily Chronicle*» um caso muito interessante de anúncio premonitório de morte, que teve como consequência uma questão judicial entre uma Companhia de Seguros de Vida e o conde de Avilic. Cortachy Castle, em Forfarhire, onde êle habita, tem fama de ser assombrado por um fantasma que, sempre que alguma morte deva produzir-se na família, a anuncia com pancadas que parecem produzidas por um tambor. O conde, tendo ouvido essas pancadas, fez um seguro de vida para si e para a espôsa numa forte companhia. Como a condessa morresse pouco depois, a Companhia recusou o pagamento, fundamentando a sua recusa no prenúncio recebido. O conde venceu porém a questão, não sendo admitidos os argumentos da Companhia, visto as leis escocesas não reconhecerem os fenómenos supranormais. Felizmente para as Companhias de seguros que estes casos são excepcionais!

Os fenómenos metapsíquicos nos textos bíblicos—Tôda a imprensa espirita reproduziu da «*Revue Spirite*» os versículos da Bíblia em que se encontram mencionados os factos que constituem a fenomenologia espirita, compilados pela «*National Independent Spiritualist Association*» de Los Angeles, Califórnia, que os fez imprimir no fascículo dos seus estatutos. Não desejamos deixar de reproduzir também essas utilísimas indicações que provam, bem claramente, que os fenómenos espiritas se observaram desde a mais remota antiguidade, achando-se registados nos Livros Sagrados e atribuindo-se à sua verdadeira origem:

Materializações:—Gênese, c. III v. 8; c. XVIII v. 1; c. XXXII v. 24.—Exodo XXIV, 10 e 11—Ezequiel II, 9.—Daniel v. 5—S. Lucas XX, 34 e 38; XXIV, 15, 16, 29, 30, 31.—S. João XX, 19, 30.

Escrita automática:—II Crônicas XXI, 12.—Daniel v. 5.

Escrita (independente) traçada pelo Espírito:—Exodo XXIV, 12, 16; XXXI, 18; XXXIV, 1.—Deuteronomio, v. 22; IX, 10, 11.

Trombeta. Vozes:—Exodo XIX, 13, 16, 19; XX, 18.—Revelação I, 10.

Transe:—Gênese XV, 12, 17;—Daniel VIII, 18; X, 9.—Actos IX, 3, 9; XXII, 17.—2.^a Epístola aos Coríntios XII, 2.

Cura: Antigo Testamento:—Números XXI, 8, 9.—I Reis XVII, 17, 24.—II Reis, IV, 14; IV, 18, 37.

Discípulos missionados para curar doentes:—S. Mateus X, 8.—S. Lucas IX, 2; X, 9.

Discípulos curando com efeito os doentes:—Actos III, 1, 8; XIV, 8, 10.

Cura: Novo Testamento: Jesus Curador:—S. Mateus VIII, 5, 13; XII, 10, 13.

—S. Lucas V, 17, 25; IX, 2; XIV, 3, 4.—S. Marcos III, 25.—S. João IV, 47, 54.

Dons de Curador:—1.^a Epístola aos Coríntios XII, 9, 28.

Cura por objectos carregados de fluido:—II Reis IV, 29.—Actos XIX, 11, 12.

Vozes de Espíritos ouvidas, independentes de todo o meio auxiliar:—Deuteronomio IX, 12, 13.—I Samuel III 3, 9.—Ezequiel I, 2, 8.—S. Mateus XVII, 5.—S. João XXII, 28, 29, 30.—Actos VII, 30, 31, IX, 4, 7, XI, 7, 8, 9.

Levitações:—I Reis XVIII, 12.—Ezequiel III, 12, 13, 14; VIII, 3; Actos 59.—S. Mateus IV, 1.

Diversos fenómenos de ordem espirita:—Gênese XXIV, 14, 19—Exodo IV, 14, 31;—Juizes VI, 36, 40;—I Samuel, I, 10, 11, 17, 26, 27, 28; X, 2, 6, 9, 10.

Comunicações e mensagens espiritas dadas em sonho:—Job. XXXIII, 15;—Joel II, 28—Gênese XII; XXVIII, 12; XXXI, 24; XXXVII, 5.

Uma clarividente notabilíssima—Madame Lagrange, que tem dado lugar às mais convincentes experiências na *Union Spirite Belge*, em virtude da sua notável clarividência anímica e espirita, livrou dum grave prejuízo um amigo do sr. A. Dribbel, de Carshalton, Inglaterra, que faz dêsse caso a seguinte narração na «*Light*»:

«Um dos meus amigos, comerciante estabelecido em Bruxelas, interessa-se pelas investigações psíquicas e teve muitas sessões com M.^{me} Lagrange, a qual, seja dito de passagem, não aceita remunerações pelos seus serviços, posto que esteja longe de ter uma situação desafogada. Uma noite que estava de visita em casa do meu amigo, êste entregou-lhe um envelope fechado. M.^{me} Lagrange tomou-o nas mãos, palpou e disse que continha uma carta dum país estrangeiro, dizendo ao mesmo tempo que via uma vasta sala com uma grande quantidade de máquinas. Depois disto lançou o envelope para cima da mesa, mas mais tarde, no meio duma conversação estranha à carta, apossou-se de novo do envelope e disse que a carta tinha vindo da Alemanha e fôra escrita por um holandês. O envelope foi de novo atirado para cima da mesa e pareceu esquecido por alguns momentos. O médium tornou-se abstracto e pareceu ser atraído pela carta. De repente retomou-a, amachucou-a nervosamente entre os dedos durante alguns instantes e, com repulsão, lançou-a para longe, dizendo ao meu amigo: «*Pois bem, não concedais êste crédito*». A carta contida no envelope era uma encomenda importante que o meu amigo tinha recebido duma firma de Colónia, cujo chefe era um holandês. Era-lhe pedido um crédito bastante considerável que, segundo o conselho de M.^{me} Lagrange, o meu amigo recusou. Depois da troca de vária correspondência, a própria encomenda foi suspensa. Pouco depois a firma de Colónia faliu e sem os poderes psicométricos extraordinários de M.^{me} Lagrange o meu amigo teria tido um sério prejuízo financeiro».

PEDRO CARDIA

Esta Revista inicia no próximo número um interessante concurso destinado aos seus assinantes e sócios da F. E. P. em que serão psicometradas, pela notável clarividente belga M.^{me} Lagrange, que gentilmente se prestou a isso, cinquenta cartas tiradas à sorte e escritas pelo próprio punho dos concorrentes. As condições do concurso serão publicadas no próximo número.

BIBLIOGRAFIA

○ **Espírito das Trevas**, romance psicografado por D. Celestina Arruda Lanza. Edição do «Jornal Espírita», de Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul: 10\$000 (moeda brasileira):

Escrito automaticamente num tempo relativamente curto, atendendo ao seu tamanho, por D. Celestina Arruda Lanza, senhora que normalmente não possui a instrução necessária para produzir obra de tamanho fôlego, êste romance, de um complicado enrêdo, lê-se com o maior interesse, tendo páginas de grande beleza e que constituem admiráveis lições de moral.

Através dêle se vêem apontadas várias modalidades da fenomenologia espírita, extremamente interessantes.

Pena é que, em certos trechos, em virtude do realismo impressionante do descritivo, o mal não apareça mais esbatido, muito embora o espírito que escreveu esta obra só tivesse em vista estabelecer o contraste com o bem, que indiscutivelmente pinta em traços vigorosos e firmes.

Todavia, em livros de profunda moral, julgamos preferível focar com intensidade somente o bem e as conseqüências do mal, pois se nos afigura que as descrições do mal, criando ideias-formas no espírito dos leitores, são elementos que, de certo modo, diminuem a finalidade da obra.

Que êste ligeiro reparo não vá fazer supôr que não apreciámos devidamente esta obra, pois êle em nada diminui o seu valor literário e mesmo o confirma, visto apenas provar que as descrições, impregnadas de realidade, não podem deixar de despertar o maior interesse.

A obra supõe-se ditada por um escritor francês muito conhecido.

☞ **Le Fluide Humain devant la Physique révélatrice et la Metapsychique objective**, por G. Mondeil. Berger-Levrault, 40 francos.

Este livro, repelindo em absoluto a interpretação metapsíquica de todos os fenômenos físicos paranormais, vem todavia prestar um serviço aos que se dedicam ao estudo desta natureza de fenômenos porque, pondo em relêvo o modo como a utilização das forças físicas pode determinar efeitos semelhantes, lhes fornece elementos de apreciação valiosos na observação dessas manifestações, ao mesmo tempo que os previne contra as fraudes de pretensos médiuns.

Expõe esta obra, experiências muitíssimo interessantes que, não invalidando os factos positivos obtidos até agora no capítulo das

mediunidades físicas, vem pôr de sobreaviso os estudiosos de tão importantes problemas e demonstrar-lhes que são indispensáveis os máximos rigores para não se deixarem iludir.

El Camino del Ideal, por Juan M. Morales. Federacion Espírita Española, Barcelona: 1 peseta.

É um livrinho de 242 páginas, ilustrado com os retratos dos espíritos e dos médiuns que nele colaboraram e em que o autor descreve os seus trabalhos sobre Espiritismo com os diversos médiuns que utilizou e põe em relêvo as conseqüências filosóficas dos ensinamentos que recebem de espíritos de grande elevação moral, como Rosendo e Manolo.

Encerra comunicações muito interessantes em prosa e em verso nas quais se encontra lenitivo para a dor e confiança nas eternas leis da Justiça que presidem à Vida.

É, pois, uma útil obra de divulgação do Espiritismo, que merece ser aconselhada.

Zoraida — Romance psicografado no «Centro Espírita Cristão» pelo médium José Surinach — Edição de Amaury Fonseca. S. Paulo.

Cheio de situações emocionantes, êste romance é a história de duas encarnações do espírito que diz ter usado na terra o nome de Zoraida de Monte Branco.

Teria existido realmente um espírito com êsse nome? Seja como fôr, o entreccho do romance é extremamente interessante, e as suas 139 páginas lêem-se dum fôlego, deixando no nosso espírito uma impressão de grande bem estar, resultante da compreensão nítida da indefectível justiça que ajusta o Karma à reincarnação.

É pois um livro recomendável em que a propaganda das doutrinas espíritas se faz amenamente, mas deixando fortes vestígios.

Publicações recebidas — Recebemos as seguintes publicações a que faremos referência na próxima secção bibliográfica:

«*Cantos Maravilhosos*» pelo Dr. A. A. Martins Velho — Livraria Clássica Editora, Praça dos Restauradores.

«*A ceux qui souffrent*» pelo Dr. Léon Wauty — Edition Jean Meyer. Paris.

«*Himno à Morte*» de J. Octaviano, Rio de Janeiro.

«*Resenha dos Trabalhos do Conselho Federalivo da Federação Espírita Brasileira*».

NOTICIÁRIO

Comissões Federativas de Propaganda Espírita — Registamos hoje a constituição de novas Comissões Federativas que muito hão-de valorizar, certamente, a nossa actividade de propaganda, realizando uma conjugação sinérgica de esforços. A parabólicos vimes, que traduz, duma maneira admirável, a psicologia das associações, tem sido felizmente bem compreendida pelos nossos dedicados Confrades do Continente, Ilhas e Colónias, sendo bastante esperançosos os resultados desta íntima confraternização.

As Comissões Federativas últimamente constituídas são as seguintes:

Coimbra - António Gonçalves Granadeiro, presidente; Alfredo Lopes Xisto, vice-presidente; Tenente Tadeu Henrique Pinto, secretário; Joaquim Bento Ladeira, tesoureiro.

Faro — Anibal Martins Caiado, presidente; Eduardo da Conceição Lopes, vice-presidente; D. Maria do Espírito Santo Amância, tesoureiro; José dos Santos Machado, secretário; António Carlos da Silva Pontes, Joaquim Belo Querido, José Sebastião Marreiros, Anibal Severino dos Reis, Francisco Mateus Paula Fernandes, D. Maria das Dôres Santos, vogais.

Setubal — António Agostinho da Silva, presidente; Manuel Ventura, vice-presidente; Alfredo Gomes da Silva, secretário; António Antunes Matias e David Augusto Ferreira, vogais.

Lagos — Capitão José dos Reis Lázaro, presidente; Capitão Anibal Marreiros Dias, vice-presidente; José Narciso Vieira, tesoureiro; Capitão Francisco Luís Furtado e Capitão Raul S. F. Castelo Branco, vogais.

Marinha Grande — Joaquim Marques de Sousa, presidente; José Matias Pedrosa, vice-presidente; Armando Correia de Magalhães, secretário; Matias Nobre e João Pereira Correia, vogais.

S. Vicente (Cabo Verde) — Henrique Morazzo, presidente; José Lisboa, vice-presidente; Manuel Francisco dos Santos, secretário; João Rodrigues Pereira, tesoureiro; Francisco Maria Morais, José Rodrigues Pereira, António Rodrigues Pereira, Alferes Rufino Augusto Lopes e António da Silva Ramos, vogais.

Nova Sintra -- (Ilha Brava, Cabo Verde) — Eugénio Tavares, presidente; Sebastião José Godinho, vice-presidente; João José Nunes, secretário.

Práia (Cabo Verde) — Dom Alexandre de Almeida, presidente; Lourenço Tavares de Almeida, vice-presidente; José Maria, secretário.

Conferências doutrinárias e sessões experimentais na sede da F. E. P. — Na sede da Federação Espírita Portuguesa realizaram-se durante os meses de Novembro e Dezembro do ano findo as seguintes conferências doutrinárias e sessões experimentais:

Novembro:

Dia 4 — Sessão Experimental. Director, António L. Vilela; médiuns, José Pereira de Lima e I. Z.

Dia 11 — Sob a presidência do sr. Capitão-tenente José Freire Grainha, realizou-se a conferência «*A Confraternização Espírita*» pelo sr. Dr. António J. Freire.

Dia 13 — Sessão Experimental. Director, D. Maria O'Neill; médiuns, José Pereira de Lima e M. C.

Dia 25 — Sob a presidência do sr. Capitão José António Lamelas, realizou-se a conferência «*A Expansão do Espiritismo no Alentejo e Algarve*» pela sr.^a D. Maria O'Neill.

Dezembro:

Dia 2 — Sessão Experimental. Director, D. Maria O'Neill; médium, José Pereira de Lima.

Dia 9 — Sob a presidência da sr.^a D. Alice Janes de Moura, realizaram-se diálogos filosóficos entre a senhora D. Maria O'Neill e o sr. Dr. António J. Freire, sob o tema: «*Determinismo e Livre-arbitrio*».

Dia 16 — Sessão Experimental. Director, Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa; médium, José Pereira de Lima.

Dia 23 — Sob a presidência da senhora D. Maria O'Neill realizaram-se diálogos filosóficos entre os srs. Dr. António J. Freire e António L. Vilela, tomando para tema: «*As Causas Finais*».

Dia 30 — Sessão Experimental. Director, Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa; médium, José Pereira de Lima.

Metapsíquica e Espiritismo — O nosso prezado Confrade sr. Pedro Cardia tem realizado na sede da F. E. P., interessantes palestras sôbre os fenómenos de telepatia acompanhados de projecções e seguidas de algumas experiências com resultados apreciáveis. Estes trabalhos tem lugar todas as quintas-feiras à noite e tem sido bastante apreciados pelos sócios que a êles assistem.

Conferências de propaganda — Ainda a propósito da viagem de propaganda efectuada pela senhora D. Maria O'Neill pelo Alentejo e Algarve, como Delegado da F. E. P., transcrevemos o seguinte:

De «Voz do Sul» (4-11-928) — Silves:

«No Teatro Mascarenhas Gregório, pelas 5 e meia da tarde de um do corrente, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria O'Neill, senhora pertencente à primeira sociedade de Lisboa, onde está aparentada com as principais famílias, e é simultaneamente um valor incontestável no meio intelectual português pelos seus trabalhos literários, ostentando portanto uma dupla aristocracia, a do talento e a do sangue, realizou uma conferência pública, subordinada ao tema «Fenómenos e Aparições Espíritas».

S. ex.^a últimamente tem feito diferentes conferências nos principais centros intelectuais da provincia, tais como: Faro, Olhão, Lagos e Portimão, tendo sido por toda a parte ouvida em religioso silêncio, por indivíduos de diversa orientação filosófica, e tendo sido geralmente muito aplaudida.

As conferências de Lagos e Portimão foram feitas no mesmo dia da de Silves. A sr.^a D. Maria O'Neill chegou à estação de Silves às 5 horas da tarde do referido dia, tendo sido esperada por representantes do Centro Espírita de Silves que, em automóvel, a conduziram ao teatro pelas principais ruas da cidade. Não obstante somente uma hora antes da marcada para a conferência ter havido a certeza da vinda daquela ilustre senhora a esta cidade, o que apenas permitiu que a essa hora fôsem distribuídos os anúncios impressos para esse fim, o teatro encheu-se rapidamente de um selecto auditório, onde estavam largamente representadas as principais senhoras desta cidade, e entre os homens também predominavam muitas das pessoas que em Silves e terras próximas mais se distinguem pela sua cultura intelectual e aprumo moral.

Fez a apresentação da conferente o sr. professor José Francisco Cabrita, Director dos «Ecos do Além», distinto campeão do espiritismo no Algarve. A mesa foi presidida pelo sr. José de Padre e secretariada pelos srs. José Santos e Ricardo Lino Correia. O tema da conferência foi brilhantemente desenvolvida, e a sr.^a D. Maria O'Neill na primeira parte da sua conferência revelou-se uma conferente distinta, e na segunda parte uma oradora igualmente distinta. A conferência terminou às 6 e meia e foi coroada por uma salva de palmas. O público foi absolutamente correcto, tendo prestado a maior atenção.

Às 8 e meia houve sessão no Centro Espírita, desta cidade, presidida pela sr.^a D. Maria O'Neill que a seguir retirou para Beja no combóio das II da noite, onde ontem devia ter realizado uma conferência.»

Os nossos colegas «Ecos do Além» de Lagoa, Algarve e «Voz do Além» de Beja,

fizeram larga reportagem desta viagem de propaganda, mas, para as nossas transcrições, pareceu-nos mais conveniente recorrer à imprensa profana.

Festa de caridade — Promovido pela F. E. P. realizou-se no dia 21 de Dezembro findo, um interessante sarau literário e musical que decorreu com invulgar brilhantismo e em que obsequiosamente tomaram parte as Ex.^{mas} senhoras D. Laura Tágide Tavares, D. Leonor de Eça, duas artistas consagradas, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Teixeira, uma das mais distintas alunas de canto da ilustre professora Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Madre de Deus Leite Dinis e os Ex.^{mos} srs. Jorge Serpa Pinto, talentoso pianista e apreciado compositor e Alberto Lima, professor de guitarra e viola, que goza da mais alta reputação.

Esta festa, que foi muito concorrida e bastante apreciada, obedeceu ao seguinte programa:

1.^a parte

- I—*Hino Espírita*..... P. Forthuny Orquestra sob a direcção do prof. Alvaro Loureiro.
- II—*Curta Alocução* pela Dr.^a Amélia Cardia.
- III—*Thaïs*..... Massenet Canto pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Teixeira, acompanhada ao piano pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Madre de Deus Leite Dinis.
- IV—*Poesias*, pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonor de Eça.
- V—*Valsa*... .. Chopin Piano pelo Ex.^{mo} Sr. Jorge Serpa Pinto.
- VI—*Poesias*, pelo Ex.^{mo} Sr. Pedro Carreira Dias de Sousa.
- VII—*L'Ultima Canzone*.... Paolo Tosti Canto pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Tágide Tavares, acompanhada ao piano pelo Ex.^{mo} Sr. Jorge Serpa Pinto.

2.^a parte

- VIII—*O Sonho de Prometheu*: conferência pelo Ex.^{mo} Sr. António L. Vilela.
- IX—*Concerto de guitarra e viola*, pelo prof. Alberto Lima, que realizará simultaneamente o acompanhamento.
- X—*A Carpa e a Andorinha*: poesia pelo Ex.^{mo} Sr. Pedro Cardia.
- XI—*Visi d'Arti, (da Tósca)*.... Puccini Canto pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Tágide Tavares, acompanhada ao piano pelo Ex.^{mo} Sr. Jorge Serpa Pinto.

3.^a parte

- XII—*A Parábola da Vida* do Dr. Ramiro Guedes de Campos. Poesia pela Dr.^a Amélia Cardia.
- XIII—*Chula*..... Serpa Pinto *Dança Portuguesa*.... Ruy Coelho Piano pelo Ex.^{mo} Sr. Jorge Serpa Pinto.

- XIV—*Canções Espanholas*. Falla Canto pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Margarida Teixeira, acompanhada ao piano pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Madre de Deus Leite Dinis.
- XV—*Poesia*, pelo Ex.^{mo} Sr. Pedro Carreira Dias de Sousa.
- XVI—*O Cielì Azzurro, (da Aida)*. . . Verdi Canto pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Tágide Tavares, acompanhada ao piano pelo Ex.^{mo} Sr. Jorge Serpa Pinto.
- XVII—*Hino Espirita*
Orchestra sob a direcção do prof. Alvaro Loureiro.

A nossa dedicada Confrade, senhora Dr.^a Amélia Cardia, num breve e elegante discurso, falou em nome da Direcção da Federação E. P. agradecendo o valioso concurso de todos para aquela festa de caridade, terminando por recitar os interessantes versos «A Caridade» do insigne poeta Tomás Ribeiro, explicando as circunstâncias que os inspiraram.

A Comissão Organizadora desta festa tão simpática era constituída pelas sr.^{as} D. Maria da Madre de Deus Leite Dinis, D. Amélia Grilo, D. Maria Emilia Gonçalves, Dr.^a Amélia Cardia, e os srs. capitão José António Lamelas, Pedro Carreira Dias de Sousa, Pedro Cardia e António L. Vilela.

A Direcção da F. E. P., em nome dos pobres contemplados com donativos desta festa, agradece reconhecidamente a todos os seus dedicados consócios que trabalharam para a sua organização e a todas as pessoas que a ela deram o seu valioso concurso.

Capitão de Mar e Guerra Amaro de Azevedo Gomes—Mais uma perda sensível acaba de sofrer a Federação Espirita Portuguesa com o falecimento d'êste venerando Confrade e digno Membro do seu Conselho Superior Deliberativo. Pelo seu talento, virtudes cívicas e alto valor profissional, êste nosso ilustre Confrade ascendeu aos mais altos lugares na sua brilhante carreira de excelso patriota e de marinheiro destemido, brioso e distinto, uma das mais autênticas glórias da nossa Marinha de Guerra, consagrado de há muito como um dos mais brilhantes oficiais superiores da nossa prestigiosa Armada.

A sua longa fôlha de serviços impôs-se pela mais consumada competência e impoluto patriotismo, tendo exercido as comissões seguintes, da maior parte das quais recebeu os mais merecidos louvores oficiais, quer da Monarquia, quer da República: ministro da Marinha e das Colónias do Governo Provisório, vogal dos Conselhos de Guerra e de Marinha, regência da cadeira de pilotagem de Macau, Capitão do Pôrto de Angra do Heroísmo, director da Cordoaria Nacional, chefe da 4.^a Repartição da Divisão Geral de Marinha, chefe do Departamento Marítimo do Centro, da presidência do Conselho de Guerra e da Marinha, etc. Era cavaleiro da

Tôrre e Espada, comendador das Ordens de Cristo e de Avis, possuindo as medalhas de ouro de D. Amélia, comemorativa da expedição a Moçambique, de prata, de comportamento exemplar, e de cobre, de filantropia e caridade, etc.

A' sua Ex.^{ma} Família a F. E. P. apresenta respeitosa condolências.

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas—Acaba de filiar-se na Federação Espirita Portuguesa êste prestigioso núcleo espiritista da laboriosa capital do Norte, uma das agremiações mais importantes de Portugal.

Esta manifestação de camaradagem e de fraternal solidariedade integra-se, harmónica e sinèrgicamente, no lema desta Federação, que tem sido a sua principal directriz—**organização, propaganda e confraternização**. Só unidos pelo cérebro e pelo coração, coesos, disciplinados por uma orientação lógica, e racional, na mesma uniformidade de esforços e ânsia de Ideal, os espiritas portugueses poderão fazer triunfar o sistema scientifico-filosófico que os norteia. Dispersos, desorientados, a sua falência seria certa e inevitável.

Aos seus dignos Corpos Gerentes, assim constituídos, apresenta a F. E. P. as suas melhores saudações respeitosa e fraternais:

Assembleia Geral: Presidente, coronel José Tristão Pais de Figueiredo; 1.^o Secretário, Adrião António Fonseca (comerciante); 2.^o Secretário, Mário Antunes Leitão (industrial).

Direcção: Presidente, major Bernardino de Sena Lopes; 1.^o Secretário, Manuel Fonseca (comerciante); 2.^o Secretário, António Sardinha (guarda livros); Vogais, Dr. Joaquim Dá Mesquita Paúl (médico); Dr. Artur Gonçalves Medina (professor).

Comissão de Publicidade: Presidente, Dr. José de Barros e Sousa (meritíssimo Juiz da Relação do Pôrto); Vice-Presidente, Dr. Leonardo Coimbra (professor da Universidade do Pôrto); 1.^o Secretário, Pedro Duarte Costa (capitalista); 2.^o Secretário, Fernando da Cruz Ferreira (comerciante); Vogal, Manuel Cavaco (comerciante).

Comissão Organizadora de Festas de Beneficência e de Confraternização da F. E. P.—Por proposta da Direcção da Federação Espirita Portuguesa, aprovada por unanimidade pelo Conselho Superior Deliberativo, na sua sessão de 5 de Janeiro, ficou constituída esta Comissão pelos nossos dedicados Confrades, os senhores: D. Julieta Bensaúde, D. Maria Madre de Deus Leite Dinis, D. Maria Teresa Miranda Sena, D. Laura Tágide Tavares, D. Leonor de Eça, D. Inês Cardia, D. Angela Aurelina Coelho de Morais, D. Maria Emilia Cardoso Antunes, D. Maria Alice Morais Machado da Cruz, Coronel José Augusto Faure da Rosa, Dr.

Virgílio Saque, Herminio do Nascimento, Rafael Pereira Duarte, Joaquim Jacobety Rosa, Alberto Carlos de Lima, Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa, Pedro Cardia.

Conselho Superior Deliberativo da F. E. P. — Em consequência do falecimento dos dignos membros do Conselho Superior Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, srs: Dr. Adolfo Sena, Conselheiro Dr. João José da Silva, Capitão de Mar e Guerra Amaro de Azevedo Gomes, Dr. José J. Baptista, e da ida para a Índia, onde fixou residência, do sr. Dr. António Francisco Dias, foram nomeados, por unanimidade, para os substituir, pelo Conselho Superior Deliberativo, na sua sessão de 5 de Janeiro, os nossos prezados Confrades, srs: Ayres Vaz Raposo, Coronel José Augusto Faure da Rosa, dr. José Gonçalves Teixeira, dr. Virgílio Saque e Coronel-Médico dr. J. Serrão de Azevedo. Figuras de merecido destaque, na nossa melhor sociedade, a sua inteligência, actividade e dedicação muito hão-de concorrer para mais prestigiar ainda o Ideal que legitimamente representa, no nosso país, a Federação Espírita Portuguesa.

Um generoso donativo — O nosso dedicado Confrade, sr. Fernando de Almeida da Cruz Ferreira, do Pôrto, incansável propagandista e um dos mais devotados bemfeitores desta Federação, acaba de lhe oferecer um seguro de vida na importância de vinte mil escudos.

Comissão de Beneficência da F. E. P. — Por proposta da Direcção da Federação Espírita Portuguesa, aprovada por unanimidade pelo Conselho Superior Deliberativo, na sua sessão de 5 de Janeiro, ficou constituída esta Comissão pelos nossos dedicados Confrades, os srs.: D. Elena de Melo Gonçalves Teixeira, D. Maria O'Neill, D. Maria Margarida Santos, D. Amélia Ferreira Grilo, D. Maria Emilia Gonçalves, D. Ana Costa, D. Alice Jane Moura, D. Ana do Carmo Sales e Silva, D. Laura Barbosa, D. Cecilia de Sousa, General Júlio César Barata Feyo, Dr. José de Magalhães e Menezes, Coronel José Augusto Faure da Rosa, Vasco Infante da Câmara, Francisco Alves, Francisco Mota, e Pedro Cardia.

Sócios honorários — Na sua sessão de 5 de Janeiro, foram nomeados, por aclamação, Sócios Honorários da Federação Espírita Portuguesa pelo Conselho Superior Deliberativo, os nossos eminentes Confrades estrangeiros, os senhores: Jean Meyer, Vice-Presidente da Federação Espírita Internacional e da União Espírita Francesa e Director da «*Revue Spirite*»; Prof. Ernesto Bozzano, sir Artur Conan Doyle, sir Oliver Lodge, Almirante Paim Pamplona, Presidente da Federação Espírita Brasileira e Director de «*O Reformador*», D. Quintin Lopez Gomez, Director da «*Lumen*», e

Leon Chevreuil, Presidente da União Espírita Francesa.

Nem sequer tentamos traçar a largos traços o perfil destes venerandos Confrades e brilhantes escritores que ocupam um lugar de honra no movimento espirítista contemporâneo, na ciência e na literatura mundiais, tendo tido a nobre coragem de proclamarem a sua fé pelo cérebro e pelo coração, sacrificando preconceitos e até os mais legítimos interesses pelo seu acrisolado amor ao Ideal espirítista, impondo-o inteligentemente ao respeito dos seus mais irreductíveis adversários.

Seriam pois, mais do que necessários os seus inclitos méritos pessoais, aliados aos relevantes serviços prestados ao Espiritismo, para que lhes fôsse rendida esta merecida e modesta homenagem, se não fôsse ainda acrescida do nosso imarcessível reconhecimento pelas provas inequívocas de carinho e de interesse com que teem distinguido, tão gentil quanto bondosamente, a Federação Espírita Portuguesa e o seu órgão oficial a «*Revista de Espiritismo*», — com a sua brilhante colaboração e palavras de incitamento.

Construção de Sede Própria para a F. E. P. — Já foi registado provisoriamente, em nome da Federação Espírita Portuguesa, um terreno destinado à construção de sede própria, em virtude da Direcção, pelos poderes que o C. S. D. lhe conferiu, ter ajustado a sua compra, livre de todo e qualquer encargo. Esta noticia, dada pelo último número do jornal da Federação, «*O Mensageiro Espírita*», produziu grande surpresa e entusiasmo entre os sócios, alguns dos quais teem contribuído com elevadas quantias para a «*Subscrição Pró-Sede*», trabalhando-se activamente para dar realização a tão belo empreendimento dentro do corrente ano, de modo que ali se possa reunir já o 2.º Congresso Espírita Português.

Todos aqueles que, integrados no espiritismo, teem a consciência clara do objectivo da sua vida, não podem deixar de se interessar por tão grandiosa empresa que é a base da expansão do espiritismo em Portugal.

Catecismo Neo-Espiritualista — Tem sido muito apreciada esta interessante publicação que a F. E. P. distribui gratuitamente e constitui o primeiro volume da «*Biblioteca de Divulgação do Espiritismo*». Agradecendo aos nossos colegas da imprensa a gentileza das suas referências, transcrevemos o seguinte:

De «*Voz do Além*» — Beja

«*A Federação Espírita Portuguesa, que vem desenvolvendo uma acção intensa na expansão dos ideais espirítas, acaba de editar, num bem cuidado folheto de 32 páginas, um belo trabalho de divulgação espiritualista a que deu o título de «Catecismo Neo-Espiritualista»,*

numa edição de 5000 exemplares, que distribuí gratuitamente. E' seu autor o nosso prezado confrade Sr. Pedro Cardia, Secretário Geral da F. E. P., que, mais uma vez, provando o seu acendrado amor à Causa, manifesta a sua vigorosa e preclara inteligência e faculdades de trabalho.»

Do «Ecos do Além» — Lagoa:

«E' este o título dum pequeno volume de propaganda espirita ao alcance de todas as inteligências, da autoria do nosso ilustre confrade sr. Pedro Cardia, prestimosissimo secretário de redacção da Revista de Espiritismo, órgão da Federação Espirita Portuguesa. E' mesmo o 1.º volume da Biblioteca de Divulgação do Espiritismo que aquela Federação instituiu, no elevado propósito de levar o conhecimento das doutrinas espiritas a todos os cérebros. A primeira edição do Catecismo Neo-Espiritualista é de 5000 exemplares e de distribuição gratuita, podendo ser pedido à sede da Federação, Rua da Asunção, 58—Lisboa.»

União Espirita Alentejana — Continuam os trabalhos de organização d'este importante núcleo espirita, que muito vem intensificar a nossa actividade de propaganda. Os nossos dedicados Confrades do Alentejo teem lutado com grandes dificuldades, mas confiamos que saberão triunfar de todos os obstáculos. O Centro Espirita «Reflexos da Verdade» de Beja, nomeou seu delegado o nosso prezado confrade sr. João Freitas a cargo de quem ficaram os trabalhos preparatórios da primeira reunião magna dos espiritas alentejanos.

Centro Espirita de Leiria — Este importante núcleo espirita está realizando actualmente sessões públicas mensais que teem decorrido com notável brilhantismo, deixando maravilhada a numerosa assistência e constituindo um verdadeiro triunfo. De mês para mês se acentua o interesse que estes trabalhos despertam, intensificando a propaganda do Espiritismo, duma maneira admirável.

Centro Espirita Mourense — Comunicamos a direcção d'este centro federado que em sua Assembleia Geral de 1 de Dezembro findo foi resolvido comemorar o Natal de Jesus com uma festa de beneficência tendo sido nomeada, para esse fim, uma comissão composta dos nossos dedicados confrades srs: Joaquim Teotónio Segurado Faria, António Francisco de Oliveira Galamba, Vitor Augusto Duarte Garradas, José António Fernandes Júnior e Joaquim Valente Broncas.

Esta comissão desempenhou-se do seu mandato, organizando uma interessante festa na noite de 24 de Dezembro, tendo sido distribuido vestuário completo a 30 crianças

de ambos os sexos, quasi todas órfãos, e oferecido um jantar a 50 pobres e vinte esmolas de 10\$00, tudo num total de 1.514\$70. A's crianças vestidas foram também oferecidos pacotes com bolos e brinquedos.

Tanto o jantar aos pobres como a distribuição de vestuário e brinquedos às crianças se realizaram no Salão Mourense, propriedade do nosso confrade sr. Joaquim Teotónio Segurado Faria, gentilmente cedido para esse fim, sendo a distribuição feita pelos filhos dos sócios do Centro.

Felicitemos os nossos confrades de Moura fazendo votos para que o seu Centro saiba sempre minorar as agruras dos desvalidos.

«**Sol do Porvir**» — Completou, em Dezembro findo, mais um glorioso aniversário, este interessante jornal de distribuição gratuita, órgão do «Centro Espirita de Leiria», a quem endereçamos as nossas fraternais saudações, fazendo votos a Deus pelas suas prosperidades.

«**Voz do Além**» — Este interessante mensário, órgão do Centro Espirita «Reflexos da Verdade», publicou um número especial comemorando o Natal, o qual se apresenta com magnifico aspecto gráfico e colaboração variada.

Enviamos-lhe as nossas felicitações.

«**O Mensageiro Espirita**» — Sob esta epigrafe, transcrevemos do nosso colega «Ecos do Além» de Lagoa, Algarve, o seguinte:

«O Mensageiro Espirita» — *Jornal de publicação bimestral a distribuir gratuitamente aos sócios da Federação Espirita Portuguesa:*

E' mais um órgão de propaganda espirita que, sob a direcção inteligente da Dr.ª Amélia Cardia, a F. E. P. lançou à publicidade, no intuito de estabelecer um permanente contacto entre todos os filia-dos daquela Federação, que assim vai satisfazendo, plenamente, aos fins para que foi criada. As nossas felicitações.»

Nomeações — Em virtude de ter ficado agregado à Direcção e não poder dispôr de tempo para acumular os dois lugares, deixou de fazer parte da Administração desta Revista o nosso dedicado Confrade sr. comandante Pedro Carreira Dias de Sousa, tendo sido substituido neste lugar pelo sr. Policarpo de Almeida a quem a Federação já deve apreciáveis serviços.

Nevos Redactores — Entraram para o corpo de redacção desta Revista os nossos ilustres Confrades srs. D. Quintin López Gómez, brilhante escritor espanhol, A. A. de Freitas e Silva, estudante de filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa e Comandante Pedro Carreira Dias de Sousa, que nos teem prestado a sua valiosa colaboração.

Dr. Afonso A. Martins Velho

A' última hora, depois de composto e impresso este número, tivemos a infausta notícia do falecimento do nosso querido Confrade e venerando Presidente da Direcção da Federação Espírita Portuguesa, sr. Dr. Afonso A. Martins Velho, desenlace já previsto pela sua propecta idade aliada a uma pertinaz doença de que vinha sofrendo, resignada e estoicamente, há anos.

No próximo número será prestada a merecida homenagem a este ilustre escritor e dedicadíssimo Confrade, modelo das mais excelsas virtudes cristãs, para quem pedimos as mais fervorosas preces.

A DIRECÇÃO DA F. E. P.

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa (Para construção de edificio próprio)

Transporte do n.º anterior - 12.460\$00; Firmino de Assunção Teixeira, Póvoa de Varzim - 20.000\$00; Ayres Vaz Raposo, Lisboa - 5.000\$00; F. A., Lisboa - 2.000\$00; D. Quintina do Carmo Sales e Silva, Lisboa - 1.000\$00; D. Maria Ortiz, Lisboa - 300\$00; Comandante A. Xavier Horta, Lisboa - 100\$00; Fernando Belard da Fonseca, Algés - 100\$00; António Rodrigues Pereira, Reguengos de Monsarás - 100\$00; D. Maria dos Anjos Pereira, Lisboa - 60\$00; D. Júlia Soares, Lisboa - 50\$00; José Martins Sancho, Aldegalega - 50\$00; D. Leopoldina Augusta Barreira, Lisboa - 50\$00; D. Maria Emilia Viana, Tomar - 50\$00; José dos Reis Pires, Lisboa - 50\$00; Frederico Pereira Penteado, Lisboa - 50\$00; Grupo Espírita «Luz, Caridade e Protecção», Faro - 50\$00. **Total** 41.470\$00.

Caixa de Propaganda (Subscrição Permanente)

Novembro e Dezembro

F. G. C. J., Lisboa - 100\$00; José Augusto Romeirão, Reguengos - 50\$00; J. A., Castelo Branco - 20\$00; M. A. S., Pôrto - 100\$00; P. N. S., Lisboa - 100\$00; Oriente, Lisboa - 5\$00; Manuel Baptista Lobo, Abrantes - 5\$00; Adolfo Armando Bordalo, Lourinhã, 5\$00; Manuel Ventura, Setúbal - 5\$00; Sérgio Augusto da Silva, Tomar - 9\$00; David Ferreira e Paiva, Porto Moniz (Madeira) - 5\$00; Firmino de Assunção Teixeira, Póvoa de Varzim - 400\$00; I. V. C., Estoril - 200\$00; A. M. - 2\$50; António Menandro Guerra, Mossamedes - 50\$00; P. N. S., Lisboa - 100\$00; Francisco Alves, Lisboa - 100\$00; Alfredo Monteiro de Castro, Angra do Heroísmo - 50\$00; Lino de Oliveira, Lisboa - 4\$00.

Rectificação: — No último número desta Revista veio inscrito, devido a erro tipográfico, António J. Fonseca Oliveira, com a quantia de Esc. 1.800\$00, para a «Caixa de Propaganda», quando devia ser António J. da Fonseca Moreira — benemérito Protector desta Federação a quem vem prestando valiosos e relevantes serviços dignos de todo o apreço e reconhecimento.

Efectuou-se, no dia 5 de Fevereiro corrente, a escritura de compra do terreno, com a superfície de 427,^m35 — (18,^m5 × 23,10) — para a construção da sede da Federação Espírita Portuguesa, situado na Rua Almeida Brandão (à Avenida Presidente Wilson), notícia a que não damos o devido relêvo por já estar composto o presente numero desta Revista.

A COMISSÃO PRÓ-SEDE DA F. E. P.